



MARCELA CARLINI

**ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE CIÊNCIA EM SAÚDE NOS
JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO**

**CAMPINAS,
2013**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO –
LABJOR**

MARCELA CARLINI

**ANÁLISE DAS NOTÍCIAS SOBRE CIÊNCIA EM SAÚDE NOS
JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO**

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Afonso Teixeira

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem E AO Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de mestre(a) em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

**CAMPINAS,
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

C194a Carlini, Marcela, 1980-
 Análise das notícias sobre ciência em saúde nos jornais Folha de S. Paulo e O
 Estado S. Paulo / Marcela Carlini. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Ricardo Afonso Teixeira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Comunicação na ciência. 2. Educação em saúde. 3. Promoção da saúde. 4.
Medicina - Pesquisa. 5. Jornais. I. Teixeira, Ricardo Afonso. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Reporting on health-related research in two prestigious Brazilian newspaper

Palavras-chave em inglês:

Science Communication

Health education

Health promotion

Medicine - Research

Newspapers

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Ricardo Afonso Teixeira [Orientador]

Vera Regina Toledo Camargo

Flávio Luís Schmidt

Data de defesa: 06-12-2013

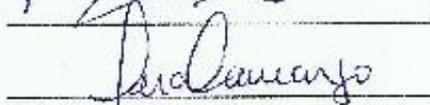
Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

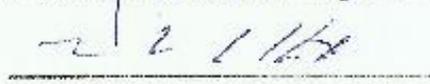
Ricardo Afonso Teixeira



Vera Regina Toledo Camargo



Flávio Luis Schmidt



Paula Teixeira Fernandes



Vivaldo Silveira Junior



IEL/UNICAMP
2013

RESUMO

INTRODUÇÃO: A divulgação de matérias relacionadas com a área da saúde em cadernos especiais de jornais podem influenciar o comportamento das pessoas e dos profissionais de saúde. **OBJETIVOS:** Foi realizado um estudo para analisar as características das matérias sobre pesquisa em saúde publicadas nas versões eletrônicas de dois dos principais jornais brasileiros. **MÉTODO:** Foram avaliadas retrospectivamente matérias relacionadas com a saúde publicadas nas versões eletrônicas das seções Ciência e Saúde - do jornal Folha de S. Paulo - e Vida & Saúde - do jornal O Estado de S. Paulo, por um período de três meses (de 1º julho a 30 de setembro de 2009). Apenas aquelas que citaram pesquisas na área da saúde foram incluídas. Utilizou-se como método a análise de conteúdo e as matérias foram categorizadas de acordo com o assunto, manchete/título, nacionalidade da pesquisa e autoria. Analisamos também a presença de contextualização dos resultados da pesquisa com evidências anteriores, contextualização nacional, citações de periódicos médicos e referências a produtos ou empresas. **RESULTADOS:** Matérias sobre pesquisas em saúde corresponderam a 57 % e 20 % dos textos que divulgaram o tema saúde publicados pela Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, respectivamente. A Folha de S. Paulo publicou significativamente mais matérias sobre estudos nacionais e a maioria dos textos foram escritos por jornalistas contratados da empresa. Em contraste, o jornal O Estado de S. Paulo publicou com maior frequência matérias escritas por agências de notícias. A Folha de S. Paulo também contextualizou o conteúdo de seus textos para a sociedade brasileira. O Estado de S. Paulo citou o nome do periódico em que o estudo foi publicado com mais frequência, mas em seus textos faltou contextualização nacional. **CONCLUSÃO:** Os resultados mostraram uma diferença significativa na divulgação de matérias sobre pesquisas na área da saúde ao comparar os dois jornais. A Folha de S. Paulo escreveu suas próprias matérias e mais frequentemente publicou os resultados de pesquisas nacionais, enquanto O Estado de S. Paulo publicou textos que se originaram em agências de notícias, a maioria dos quais teve pouca contextualização nacional. **PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação na ciência; Educação em saúde; Promoção da saúde; Medicina - Pesquisa; Jornais.

ABSTRACT

INTRODUCTION: The dissemination of health-related news through newspapers can influence the behavior of patients and of health care providers. **OBJECTIVES:** We conducted a study to analyze the characteristics of health-related research published by two leading Brazilian newspapers. **METHOD:** We retrospectively evaluated health-related news published in the electronic versions of the newspapers Folha de S. Paulo and O Estado de S. Paulo over a period of three months (July through September, 2009). Only articles mentioning medical research were included. The articles were categorized according to topic, source, study location and the nature of the headline. We also analyzed the presence of background information on the topic, citations of medical periodicals, national contextualization and references to products or companies. **RESULTS:** Scientific research articles corresponded to 57% and 20% of health-related articles published by Folha de S. Paulo and O Estado de S. Paulo, respectively. Folha de S. Paulo published significantly more articles about national studies, and most articles were written by its own staff. In contrast, most articles in O Estado de S. Paulo came from news agencies. Folha de S. Paulo also better contextualized its reports for Brazilian society. O Estado de S. Paulo tended to cite the name of the periodical in which the study was published more frequently, but their articles lacked national contextualization. **CONCLUSION:** The results showed a significant difference in the way in which the studied newspapers report on health-related research. Folha de São Paulo tends to write its own articles and more frequently publishes the results of national research, whereas O Estado de S. Paulo publishes articles that originate in news agencies, most of which have little national contextualization. **KEYWORDS:** Health communication; Health education; Health promotion; Medical research; Newspapers.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	XIII
AGRADECIMENTOS	XV
GRÁFICO	XVII
LISTA DE TABELAS	XVII
1. INTRODUÇÃO	01
2.OBJETIVOS	10
2.1. GERAL	10
2.2. ESPECÍFICOS	10
3. MATERIAL E MÉTODOS	11
3.1. DESENHO DO ESTUDO	11
3.2. SELEÇÃO DO MATERIAL	11
3.2.1. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	14
3.3. VARIÁVEIS	14
3.4. INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	16
3.5. COLETA DE DADOS	16
3.6. CONTROLE DE QUALIDADE	17
3.7. PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	17
3.8. ASPECTOS ÉTICOS	17
4. RESULTADOS	18
4.1. ASSUNTO	24
4.2. TEOR DO TÍTULO	25
4.3. REFERÊNCIA DE PRODUTO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA OU DE EQUIPAMENTOS MÉDICOS	26
4.4. NACIONALIDADE DA PESQUISA	27
4.5. AUTORIA	29
4.6. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA COM AS EVIDÊNCIAS ANTERIORES	30
4.7. CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL	32
4.8. ORIGEM DA PESQUISA	33
5. DISCUSSÃO	35
6. CONCLUSÃO	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

8. ANEXOS.....	48
ANEXO 1.....	48
ANEXO 1A.....	56
ANEXO 2.....	64

Periodontite diminui colesterol "bom" e aumenta triglicéridos – p. 64

Só 25% dos oncologistas orientam sobre fertilidade – p. 66

Massa óssea é maior nas crianças brancas do que nas negras – p.68

Glicemia alta também afeta o coração – p. 69

78% dos hospitalizados não se alimentam corretamente – p. 70

Viagem longa aumenta risco de trombose venosa – p. 71

Depressão: doença será a mais comum do mundo em 2030 – p.73

Aspirina reduz risco de morte em casos de câncer colorretal – p. 74

Incidência de tuberculose recua 27,6% em dez anos – p. 76

ANEXO 2A.....	77
---------------	----

Tratar diabetes durante a gravidez é benéfico, diz estudo – p. 77

Entenda a ação da vacina para reduzir risco de infecção por HIV – p.78

Médicos belgas inventam berço que evita regurgitação em bebês – p. 80

Cientistas acham gene que faz macacos consumirem mais álcool – p. 81

Vacina BCG pode matar bebês soropositivos, diz estudo – p. 82

Estudo descobre possível rota para vacina contra a AIDS – p. 83

Vegetarianos têm menor risco de sofrer de câncer, diz estudo – p.84

Vinho pode minimizar efeito de radioterapia, diz estudo – p. 85

Coxa grande pode indicar risco menor de doenças cardíacas – p.86

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, Maria Dirce Carlini e Fortunato Carlini. Bênçãos na minha vida!

Minha mãe, o exemplo do amor incondicional, minha estrutura, meu refúgio e minha inspiração para o bem. Com ela, aprendi o significado da bondade, da humanidade e do perdão. Do meu pai, herdei a inteligência, a honestidade e a importância do caráter.

Ao meu marido Eduardo Castello Branco Dória, cuja inteligência me contagia e a ingenuidade me apaixona. Obrigada por estes sete anos juntos.

As minhas irmãs, tão diferentes e tão complementares. A Adriana Carlini por sua persistência e a Luciane Carlini por sua simplicidade

Ao amigo e irmão Marcelo Paulo da Silva, pelo incentivo e admiração, suas palavras e olhares em cada derrota ou conquista sempre me confortaram.

Aos meus sobrinhos Breno, Pedro e Raquel por deixarem minha vida mais leve.

A amiga Maria José Morandi, companheira e conselheira, que apóia e “puxa a orelha”.

Por último, aos meus animais, meus filhos de coração, pelas demonstrações de afeto e por fazerem eu me sentir tão importante.

AGRADECIMENTOS

“Celebrar a vida é somar amigos, experiências e conquistas, dando-lhes sempre algum significado.”

Érico Veríssimo

Ao meu orientador, professor doutor Ricardo Afonso Teixeira, por ter me sugerido o tema da dissertação. Agradeço pelos ensinamentos e pelas orientações. Neste tempo juntos, observei seu grande empenho no trabalho, seriedade e disposição para ultrapassar a esfera médica e encarar os encantos e dissabores do jornalismo. Obrigada!

Ao professor doutor Li Li Min, por me apresentar ao professor Ricardo e por fazer eu me apaixonar por Neurociências. Obrigada!

A professora doutora Vera Regina Toledo Camargo por me motivar e fazer parte desde o início desta minha trajetória. Sou grata por acompanhar este trabalho. Obrigada!

A professora doutora Paula Teixeira Fernandes, que com sua doçura emana conhecimento. Obrigada!

Ao professor doutor Celso Bodstein e a professora doutora Simone Pallone, que, no momento da qualificação, contribuíram com sugestões valiosas. Obrigada!

Aos professores doutores Flávio Luís Schmidt e Vivaldo Silveira Junior pela pronta aceitação do meu convite para fazerem parte da banca examinadora. Obrigada!

Aos professores do curso de mestrado. Obrigada!

Aos colegas de turma, em especial, Juliano Sanches, pelo carinho e companheirismo em todos os momentos acadêmicos. Obrigada!

A Alessandra Carnauskas, pela eficiência e amabilidade. Obrigada!

Aos colegas de trabalho do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher, por acreditarem nos meus sonhos e serem cúmplices deles. Obrigada!

GRÁFICOS

GRÁFICO 1.

PERFIL DO LEITOR DOS JORNAIS ESTUDADOS SEGUNDO FAIXA ETÁRIA, SEXO E CLASSE SOCIAL.....	12
1.1. PERFIL DO LEITOR DA FOLHA DE S. PAULO E DO O ESTADO DE S. PAULO SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA.....	12
1.2. PERFIL DO LEITOR DA FOLHA DE S. PAULO E DO O ESTADO DE S. PAULO SEGUNDO O SEXO.....	13
1.3. PERFIL DO LEITOR DA FOLHA DE S. PAULO E DO O ESTADO DE S. PAULO SEGUNDO A CLASSE SOCIAL.....	13

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE TEXTOS SOBRE SAÚDE DIVULGADOS NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO DE JULHO A SETEMBRO DE 2009.....	18
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

TABELA 2.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MATÉRIAS PUBLICADAS DE ACORDO COM O ASSUNTO ABORDADO.....	19
---------------------------------------------------------------------------------------	----

TABELA 3.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO TEOR DOS TÍTULOS DAS MATÉRIAS DIVULGADAS.....	20
--------------------------------------------------------------------------	----

TABELA 4.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA AUTORIA DAS MATÉRIAS DIVULGADAS.....	20
-----------------------------------------------------------------	----

TABELA 5.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MATÉRIAS COM RELAÇÃO À CONTEXTUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS DE PESQUISAS COM EVIDÊNCIAS ANTERIORES E CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL.....	21
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

TABELA 6.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PAÍSES DE ORIGEM ONDE AS PESQUISAS FORAM REALIZADAS.....	22
--------------------------------------------------------------------------------------	----

TABELA 7.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TEXTOS ONDE FORAM FEITAS REFERÊNCIAS DE PERIÓDICO CIENTÍFICO, INSTITUIÇÃO E/OU PESQUISADOR RESPONSÁVEIS PELAS PESQUISAS PUBLICADAS.....	22
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

TABELA 8.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE TEXTOS QUE FAZEM REFERÊNCIA DIRETA E POSITIVA DE EQUIPAMENTOS/PRODUTOS DA INDÚSTRIA MÉDICA OU FARMACÊUTICA.....	23
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

“Todo aquele que se dedica ao estudo da ciência chega a convencer-se de que nas leis do Universo se manifesta um Espírito sumamente superior ao do homem, e perante o qual nós, com os nossos poderes limitados, devemos humilhar-nos.”

Albert Einstein

1. INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos da comunicação em saúde é proporcionar que indivíduos e comunidades melhorem comportamentos relacionados ao processo saúde-doença através do acesso à informação. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças nos Estados Unidos (CDC – sigla em inglês) define comunicação em saúde como “o estudo e uso de estratégias de comunicação para informar e influenciar decisões individuais e comunitárias que melhorem a saúde” (U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 2001).

No entanto, são várias as definições propostas para comunicação em saúde e Schiavo (2007) propõe uma definição que visa integrá-las:

“Comunicação em saúde é uma abordagem multifacetada e multidisciplinar para alcançar diferentes audiências e compartilhar informação relacionada à saúde com o objetivo de influenciar, engajar e apoiar indivíduos, comunidades, profissionais da saúde, grupos especiais, responsáveis pelas diretrizes políticas, público em geral, e que introduza, defenda a ideia, ou sustente um comportamento, prática, ou política que possam vir a melhorar a saúde”.

A comunicação em saúde também tem sido definida como a “principal moeda de saúde do século 21” e nos EUA é considerada a mais importante área da ciência relacionada à saúde neste século, fazendo parte dos objetivos da *Healthy People 2010*, a agenda oficial de saúde pública do governo americano ((U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, 2005). No Brasil, deliberações das Conferências Nacionais de Saúde apontaram informação, educação e comunicação como elementos estratégicos para consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e para a conquista da cidadania plena no Brasil (BRASIL, 2001). Segundo Caldas (2002), conscientizar as pessoas por meio da mídia, e com apoio da escola, da família e do ambiente profissional, é pressuposto para uma sociedade emancipada.

As iniciativas de aproximar a ciência da população não são recentes. Elas já vigoravam no país desde o século 19. Segundo Vergara (2008), a ciência era entendida como um bem para todos, sinônimo de progresso. Por isso, havia o esforço em divulgá-la, ou como se dizia à época, vulgarizá-la para o público geral. Por vulgarização se entendia o esforço de levar ciência para leigos no assunto, divertindo e entretendo ao mesmo tempo. A ideia era estabelecer uma cultura científica que levasse à inclusão de novos termos no vocabulário da população e desse suporte ao desenvolvimento econômico e social do país.

Quando se fala em comunicação pública da ciência - e inclui-se aqui comunicação em saúde -, alguns autores criticam o uso do termo alfabetização científica, e a mesma crítica pode ser estendida ao termo alfabetização em saúde (CERQUEIRA e KANASHIRO, 2008). O termo alfabetização reflete o modelo anglo-saxão de comunicação em ciência, também conhecido como modelo de *déficit*, centrado no indivíduo, onde o público é uma entidade passiva com falhas de conhecimento, com fluxo de informação numa única direção: dos cientistas ao público. Por outro lado, o termo cultura científica traz uma contextualização mais sistêmica, saindo do foco do indivíduo como mero depósito de informação, para uma visão mais ampla de que cultura científica é uma condição da sociedade. Nesta perspectiva, assume-se a importância da dinâmica social da ciência, em que o cidadão participa de processos coletivos que influenciam as políticas de desenvolvimento de ciência e tecnologia. É neste sentido que novos conceitos têm sido utilizados em substituição ao de alfabetização em saúde como é o caso de entendimento público da ciência assim como consciência pública da ciência, ambos chamando a atenção de que cultura científica vai além do processo de aquisição de informação, mas envolve a construção de uma sociedade com visão crítica das diversas dimensões que envolvem o conhecimento científico (VOGT, 2008).

Percebemos que os últimos anos foram marcados por um aumento de interesse por parte da comunidade científica em ampliar seus horizontes de comunicação, dirigindo-se não apenas a seus pares, mas, também, à sociedade como um todo. Não se trata de uma iniciativa isolada. Ao contrário, trata-se de um esforço que incorpora muitos atores – cientistas, profissionais da saúde, professores do ensino básico e médio, jornalistas, divulgadores da ciência de uma forma mais geral e outros – que vem se intensificando desde 1980 (MASSARINI, 2003).

A divulgação da ciência e da saúde ganhou espaço, ainda, na agenda política. Um exemplo foi o plano brasileiro de popularização da ciência incluído no programa de governo do Presidente Lula. Atualmente, a divulgação também tem espaço no governo da Presidenta Dilma, cujo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação pretende promover a melhoria da educação científica, a popularização da Ciência e Tecnologia (C&T) e a apropriação social do conhecimento (BRASIL, 2012).

No Brasil, órgãos como o Ministério da Ciência e Tecnologia, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e algumas fundações de amparo à pesquisa destinam recursos para a divulgação da ciência e da saúde (MASSARANI, 2003).

Há certo consenso de que notícia que interessa ao público leigo tem que ser inédita, tem que ser interessante e tem que estar correta, e no caso dos meios de comunicação de massa, essas três características encontram-se nessa ordem de prioridade. Já no universo dos periódicos científicos, pode-se dizer que essas prioridades estão em outra ordem, colocando-se como última prioridade o fato da pesquisa ser interessante ou não (FJAESTAD, 2007).

Medeiros (2004) avalia o jornalismo científico brasileiro como estando calcado, em parte, numa visão mistificada da atividade científica, enfatizando a espetacularização das "descobertas", a genialidade dos cientistas e a aplicabilidade da ciência, em detrimento dos aspectos ligados ao seu funcionamento real, tais como seus riscos, suas incertezas, suas controvérsias, e sua inserção cultural e socioeconômica na sociedade.

Para que uma notícia seja interessante ao grande público ela tem que dizer respeito ao cotidiano das pessoas. E dentro do universo de publicações científicas em saúde que têm relação direta com o dia a dia, não há como negar que existem pesquisas clínicas com maior relevância em termos de saúde pública, algumas por terem metodologia mais elaborada (por exemplo, estudos randomizados), outras por terem amostragem mais robusta, e outras por terem como foco problemas de saúde de maior relevância. Boa parte dessas pesquisas mais relevantes é publicada em periódicos científicos chamados de generalistas, e que costumam receber mais atenção por parte de profissionais de comunicação em saúde do que jornais de especialidades (ENTWISTLE, 1995).

Mesmo que o jornalismo em saúde esteja recebendo maior atenção da mídia em relação aos outros campos da ciência, nem sempre a prioridade de divulgação coincide com aquilo que é potencialmente mais relevante para a sociedade. A divulgação de notícias com teor sensacionalista é frequentemente priorizada pelos meios de comunicação de massa, já que têm mais apelo comercial. Além disso, existem alguns temas que não são tão bem vindos pela mídia quanto outros (WRIGHT, SPARKS, O'HAIR, 2008).

No entanto, os leitores estão interessados em “saber mais” sobre Ciência e Saúde, como mostrou uma comparação feita entre a pesquisa “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil”, realizada em 2010 - pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), com a colaboração da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com cerca de duas mil pessoas em várias regiões do País - e um estudo similar realizado em 2006. Constatou-se que o percentual de pessoas interessadas ou muito interessadas em ciência passou de 41%, em 2006, para 65%, em 2010 (BRASIL, 2010).

Para aqueles interessados ou muito interessados em Ciência e Tecnologia, o assunto de maior interesse dos voluntários da pesquisa foi Ciência da Saúde (30.3%). Os entrevistados responderam que as fontes de informação em Ciência e Tecnologia que eles julgam ter maior credibilidade foram os médicos (27.6%), jornalistas (19.9%) e cientistas de universidades (12.3%). Cerca de 40% dos entrevistados responderam que não estavam satisfeitos, ou estavam apenas parcialmente satisfeitos com a divulgação científica feita pelos meios de comunicação. Mais de 70% justificam a insatisfação pelo pequeno número de matérias e cerca de 60% porque as matérias são de difícil compreensão. Os entrevistados reconheceram a melhoria da saúde e prevenção de doenças como o maior benefício da Ciência e Tecnologia (26.1%), seguido pela melhora da qualidade de vida (19.1%).

Com relação aos meios de divulgação sobre C&T, a televisão e os jornais foram os dois veículos mais consultados. Segundo a pesquisa, 19% dos entrevistados assistem com muita frequência programas de TV que tratam de C&T, enquanto 14% buscam nos jornais informações sobre o tema (BRASIL, 2010).

Pode-se dizer que os jornais são uma importante fonte de informação sobre os resultados da investigação médica, tanto para pessoas leigas como para profissionais de

saúde. Artigos relacionados à saúde em jornais podem influenciar decisões políticas, consumidores dos serviços de saúde e a população em geral. Entretanto, segundo Bartlett *et al.* (2002), a mídia pode afetar o fornecimento e utilização dos serviços de saúde e é comum encontrarmos nos jornais relatos de problemas de saúde que transmitem certeza nos resultados de investigação, além de possuírem características alarmistas e incompletas. Isto pode ocorrer, pois os jornalistas procuram histórias de saúde que prendem a atenção dos leitores e que tendem a apresentar problemas que, às vezes, contradizem relatos anteriores sobre o mesmo tema. Além disso, segundo Marcondes *apud* Pena (2008), a notícia é um produto à venda e está exposta na vitrine do capitalismo industrial. Ou seja, precisa ser vendida, comprada, o seu público tem que ser mobilizado para o fato.

Nos dias atuais, é inegável a atuação da mídia nas situações em que ocorre tomada de decisões, além de ser uma fonte privilegiada de informações. Se, anteriormente, ela se dizia posicionar de maneira neutra, hoje assume um caráter mais interpretativo e nem sempre imparcial (MARIANI, 1998). Os meios de comunicação de massa são os mais poderosos para transmitir o estado das coisas ao redor do mundo, nesta era de redes de telecomunicação em expansão, distorções, informações imprecisas, interpretação distorcida e cobertura informativa desequilibrada (FIGUEIREDO e GIANGRANDE, 1999).

Inseridos neste contexto, os divulgadores em saúde não devem ser vistos como profissionais que simplesmente escrevem comunicados relacionados à saúde para a mídia, mas sim, como integrantes fundamentais da sociedade e do sistema de saúde. É grande a responsabilidade dos meios de comunicação de massa devido ao seu grande potencial em influenciar comportamentos, mesmo quando a informação é em formato de entretenimento (PHILLIPS *et al.*, 1991).

Vale ressaltar que a mídia, com certa frequência na área de saúde, define a comunicação como transmissão de ideias, concretizando, na prática, os saberes médicos como um discurso linguístico distante do universo do leitor. Ela faz recomendações de condutas apropriadas e desvinculadas do contexto socioeconômico (BIZZO, 2002).

Para Luiz (2007), ao transpor os conteúdos do discurso científico para o discurso jornalístico, em nome da compreensão do leitor, a notícia omite as controvérsias do campo científico, assumindo como verdadeiro um dos pontos de vista em disputa, um enunciado

que ainda não está validado pela comunidade científica. A notícia resolve, por sua conta, a polêmica.

A mídia pode servir de sustentáculo para as elites do poder, político e/ou econômico, até porque a maioria dos veículos de comunicação está sob seu controle (FALASCHI, 1999). Estima-se que 95% de todo o noticiário jornalístico sejam relatos programados por instituições interessadas ou falas controladas por fontes organizadas (BARBEIRO, 2002).

Além disso, cada veículo de comunicação de massa tem uma política editorial. Sempre que um diretor ou editor seleciona uma notícia está censurando as demais, que não irão chegar ao conhecimento das pessoas. Definir a notícia que será estampada na imprensa é um trabalho altamente ideológico. Escolher a angulação, a manchete, a posição na página ou no noticiário, ou simplesmente não a transmitir, é uma decisão consciente. Essa é a realidade dos meios de comunicação (ERBOLATO, 1982).

Dispostos a analisar o que os meios de comunicação informam sobre pesquisas em saúde, Bartlett *et al.* (2002) pesquisaram os caminhos pelos quais as notícias sobre ciência e saúde são elaboradas. Os autores concluíram que as prioridades da imprensa na divulgação de estudos médicos são diferentes daquelas dos pesquisadores. O trabalho consistiu no monitoramento de todos os artigos publicados em dois anos (1999 e 2000) nos periódicos *British Medical Journal* e *The Lancet*, verificando quais artigos originaram *releases* das revistas para divulgação nos jornais e destes quais resultaram em matérias jornalísticas no *The New York Times* e no *The Sun*. As revistas científicas publicaram 1.193 artigos originais, dentre os quais as revistas produziram 517 *releases* (43%). Apenas 81 artigos (7%) foram utilizados como fontes na elaboração de notícias.

O estudo foi projetado para avaliar o que foi considerado importante e “merecedor” de se tornar notícia no jornal diário. Segundo os autores, os avanços das pesquisas não estão bem representados nos jornais. Alguns ensaios clínicos podem oferecer evidências importantes para a saúde, mas raramente são considerados como notícia por jornalistas. Para eles, os jornais têm um papel a desempenhar na área da saúde, como explicar a importância de evidências de ensaios clínicos randomizados, dissipando equívocos e confusões e relatar pesquisas relevantes para a saúde internacional.

Um outro estudo proposto por Stryker (2002) avaliou o conteúdo de 95 artigos no *Journal of the American Medical Association* (Jama) e no *New England Journal of Medicine* (NEJM). De acordo com a pesquisa, cada artigo originou uma média de 14 matérias na mídia e aqueles com conteúdo epidemiológico foram os mais abordados. Também ficou evidente que artigos com conteúdo “Estilo de Vida” geraram quatro vezes mais matérias que aqueles com conteúdo médico.

Com relação ao conteúdo das matérias sobre saúde publicadas nos jornais diários, muitas se referem a estudos médicos cujas fontes são publicações científicas e têm como foco a informação sobre um novo risco, protetor ou deletério à saúde (LUIZ, 2007). A maior crítica que se tem feito ao jornalismo em saúde é que ele privilegia a doença ao invés da saúde, trabalhando, com menos frequência (e competência) a prevenção ou a chamada educação para a saúde (BUENO, 2011).

Considerando o histórico da comunicação em saúde no mundo contemporâneo, percebe-se que há uma série de gargalos para o seu pleno desenvolvimento, entre eles:

1- O próprio ritmo de produção do atual jornalismo, que faz com que na maioria das vezes a equipe só receba o *press release* da instituição ou do periódico em que a pesquisa foi divulgada e o publica sem qualquer mudança ou questionamento. Não há tempo para se trabalhar a matéria ou consultar outra opinião (GÖPFERT, 2007).

2- Estudos mostram um crescente domínio de matérias oriundas de relações públicas das agências de notícias, chegando a dominar mais de 2/3 do total de notícias. Cresce também o conflito de interesse por parte de jornalistas e dos meios de comunicação em massa que, às vezes, exercem o papel de relações públicas de alguns “clientes” e não o de jornalistas. Esta tendência tem recebido o nome de relações públicas maquiadas de jornalismo ou “parajornalismo” (CERQUEIRA e KANASHIRO, 2009).

3- É frequente a divulgação de uma pesquisa sem a contextualização do que ela acrescenta ou discorda do conjunto de evidências anteriores. Essa contextualização pode ser evitada pelo jornalista para que a notícia não perca sua força de pesquisa inédita (DENTZER, 2009). Além disso, é pouco frequente a exposição de controvérsias sobre os temas

abordados, que é um dos pilares da dinâmica do processo científico (MASSARANI *et al.* 2007).

4- A participação do jornalismo científico tem sido crescente nos meios de comunicação de massa, mas ainda ocupa pouco espaço quando comparado aos tradicionais assuntos de política e economia. Dentre os diversos campos da ciência, o jornalismo em saúde é o mais presente na mídia e o que mais cresceu nas últimas duas décadas (BUCCHI e MAZZOLINI, 2007).

Conhecendo melhor suas próprias condições de saúde (incluídas causas e consequências), os indivíduos poderiam atuar como agentes do seu próprio desenvolvimento, e não como receptores passivos de ajuda. A mera prescrição de comportamentos ou atitudes torna-os mais dependentes (RICE e CANDEIAS, 1989), reproduzindo frequentemente o discurso médico, sem, no entanto, compreender seu significado (MARTINS, 1991).

Sendo assim, estudiosos da comunicação e da saúde têm comprovado, ao longo do tempo, a importância da educação/comunicação para a saúde e acumulado argumentos irrefutáveis em favor da implementação de canais que propiciem aos cidadãos informações precisas, ética e socialmente responsáveis (BUENO, 2011).

O presente estudo permitirá conhecer a abordagem dos textos sobre pesquisas científicas em saúde em dois conceituados jornais do estado de S. Paulo e considerados dois de maior circulação no País: o jornal Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. Após esta verificação, será possível compreender como o leitor é informado sobre as pesquisas científicas realizadas na área da saúde, com base na forma em que a notícia foi elaborada.

A importância da mídia para a saúde da população não deve ser subestimada, já que ela é uma das principais fontes de informação sobre saúde. Logo, o intuito deste trabalho é estimular iniciativas que visem a qualidade da informação.

O conteúdo divulgado influencia comportamentos, efeito que é ainda mais relevante numa sociedade que cada vez mais lida com a saúde como se fosse um produto de consumo. O objetivo do presente trabalho não é desmerecer ou exaltar qualquer um dos

jornais, mas sim, mostrar resultados que possam contribuir para a criação de estratégias para uma melhor divulgação das pesquisas na área da saúde.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Avaliar a abordagem sobre pesquisas científicas nas áreas da saúde que foram divulgadas nas versões eletrônicas das seções Ciência e Saúde - do jornal Folha de S. Paulo - e Vida & Saúde - do jornal O Estado de S. Paulo.

2.2. Específicos

- Categorizar as pesquisas divulgadas por assunto;
- Classificar as manchetes das matérias divulgadas quanto ao seu conteúdo: otimista, pessimista ou neutro;
- Quantificar o número de pesquisas divulgadas com conteúdo que faz referência direta a produto da indústria farmacêutica e/ou equipamentos médicos;
- Classificar as pesquisas divulgadas quanto à sua origem: território nacional ou internacional;
- Classificar as matérias quanto à autoria, considerando se foram escritas por jornalistas do *staff* do jornal, agência de notícias nacional ou internacional, jornal internacional ou *free lancer*;
- Classificar as matérias quanto à presença ou ausência de contextualização da pesquisa divulgada com evidências anteriores;
- Classificar as matérias quanto à referência da origem da pesquisa, ou seja, analisar se a matéria faz referência do periódico científico onde foi publicada, da instituição responsável pela pesquisa ou do pesquisador;
- Classificar se as matérias apresentam contextualização nacional sobre o tema.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Desenho do Estudo

O presente estudo foi de caráter descritivo, utilizando também a análise de conteúdo para compreender e criar categorias para as análises.

3.2. Seleção do Material

Foram selecionadas todas as matérias que abordaram pesquisas científicas em saúde divulgadas nas versões eletrônicas dos cadernos sobre Ciência e Saúde dos jornais Folha de S. Paulo, Seção Ciência e Saúde e O Estado de S. Paulo, Seção Vida & Saúde, no período de 1º de julho a 30 de setembro de 2009. Selecionou-se 277 matérias que fizeram referência a pesquisas na área da saúde. Na Folha de S. Paulo foram divulgadas 310 matérias referentes à saúde. Dessas matérias, 176 (56.7%) faziam referência à pesquisa científica, sendo que 66 (37.5%) apresentavam-se em notas com menos de 100 palavras, que foram excluídas por apresentarem estrutura muito simples impossibilitando que fossem analisadas. Desta forma, foram analisadas 110 (62.5%) matérias. No jornal O Estado de S. Paulo foram divulgadas 495 matérias com o tema saúde, das quais 101 (20.4%) faziam referência à pesquisa científica, nenhuma em textos menores que 100 palavras. Logo, todas as 101 matérias foram analisadas, totalizando, com os dois jornais, 211 matérias. Portanto, a amostra ficou constituída.

A escolha dos veículos se deu pela notoriedade dos mesmos no estado de São Paulo. O jornal Folha de S. Paulo surgiu em 1960, depois da junção dos jornais Folha da Noite (1921), Folha da Manhã (1925) e Folha da Tarde (1949). Segundo o Instituto Verificador de Circulação - IVC (2009), a Folha permaneceu, em 2009, na liderança de circulação dos jornais do País com uma média diária de 295 mil exemplares. O perfil predominante do leitor se situa na faixa etária dos 25 a 34 anos, em 21% e 35 a 44 anos, em 20%. Em relação ao sexo, o masculino (54%) sobressai o feminino (46%) e, em relação à classe social, 55%

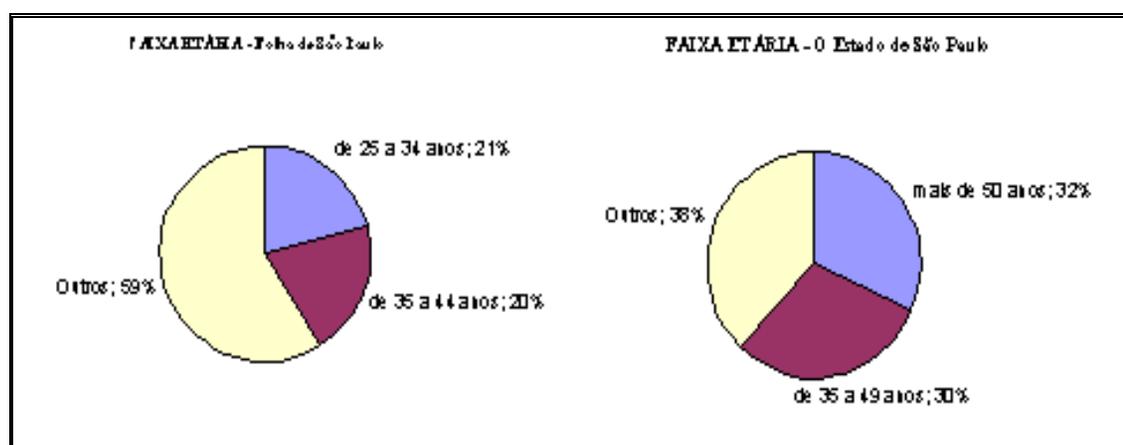
pertencem à classe B, 23% à C e 20% à A, segundo levantamento da Ipsos Marplan no primeiro semestre de 2012 (FOLHA DE S. PAULO, 2012).

O Estado de S. Paulo surgiu em 1875 quando era chamado de A Província de S. Paulo. Em 1890 passou a ser designado como O Estado de S. Paulo e ficou em quinto lugar no *ranking* de circulação de jornais em 2009, atingindo a média diária de 213 mil exemplares (INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO, 2009).

Quanto ao perfil do leitor, 32% possuem mais de 50 anos, a versão eletrônica tem como público-alvo leitores de 35 a 49 anos (30%). Em relação ao sexo, o masculino (54%) sobressai o feminino (46%) - mesma porcentagem encontrada ao observarmos o perfil dos leitores do jornal Folha de S. Paulo -; 60% dos leitores pertencem à classe B, 21% à A e 17% à C, segundo pesquisa realizada pelo instituto Ipsos Marplan em outubro de 2011 (GRUPO ESTADO, 2012). O GRÁFICO 1 ilustra os perfis dos leitores dos dois jornais estudados segundo faixa etária, sexo e classe social.

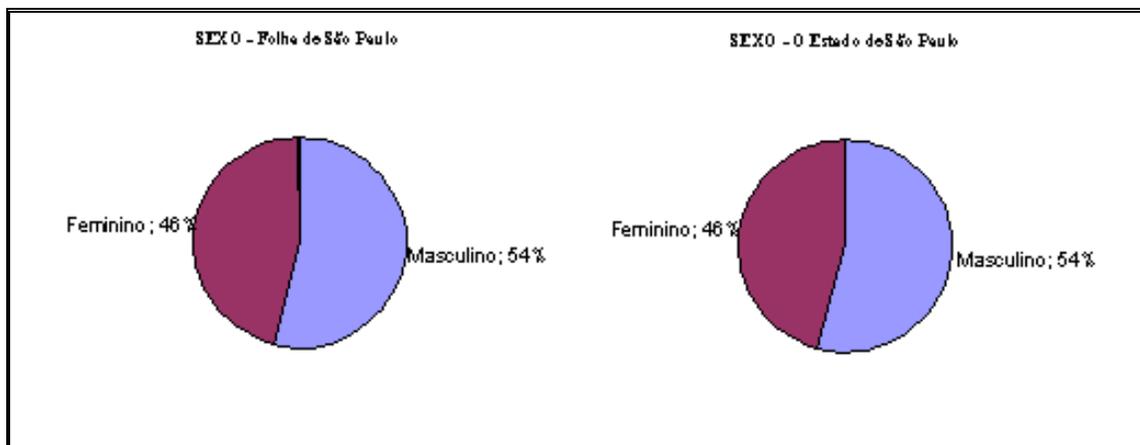
GRÁFICO 1.
PERFIL DO LEITOR DOS JORNAIS ESTUDADOS
SEGUNDO FAIXA ETÁRIA, SEXO E CLASSE SOCIAL

1.1. PERFIL DO LEITOR DA FOLHA DE S. PAULO E DO O ESTADO DE S. PAULO SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA



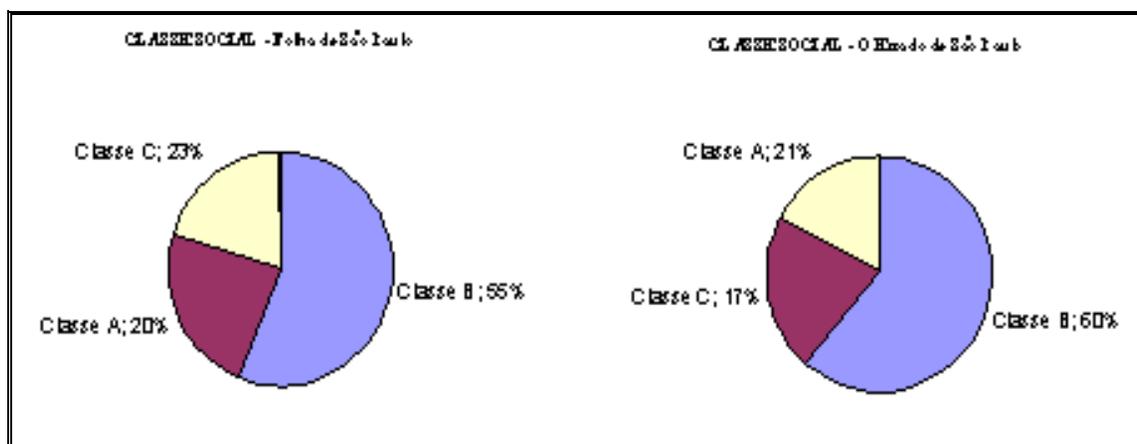
Fonte: Folha de S. Paulo (2012) e Grupo Estado (2012).

1.2. PERFIL DO LEITOR DA FOLHA DE S. PAULO E DO O ESTADO DE S. PAULO SEGUNDO O SEXO



Fonte: Folha de S. Paulo (2012) e Grupo Estado (2012).

1.3. PERFIL DO LEITOR DA FOLHA DE S. PAULO E DO O ESTADO DE S. PAULO SEGUNDO A CLASSE SOCIAL



Fonte: Folha de S. Paulo (2012) e Grupo Estado (2012).

3.2.1. Critérios de inclusão

As matérias sobre as pesquisas científicas em saúde das versões eletrônicas das seções Ciência e Saúde - do jornal Folha de S. Paulo - e Vida & Saúde - do jornal O Estado de S. Paulo no período de 1º de julho a 30 de setembro de 2009.

3.3. Variáveis

Para a realização da pesquisa realizamos os procedimentos da análise de conteúdo, que constitui-se em um conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos. O método de análise de conteúdo foi sistematizado na primeira metade do século XX e a princípio foi importante ferramenta na busca dos sentidos dos artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos, sendo hoje um método amplamente utilizado em pesquisas científicas no campo da saúde. A seguir, serão apresentadas as variáveis do estudo com suas respectivas definições.

- **Tema:** seleção de todas as matérias que divulgaram pesquisas realizadas na área da saúde e análise realizada pela pesquisadora principal e pelo orientador.

¹- **Assunto:** classificação das matérias considerando a área da saúde abordada:

- Saúde da mulher
- Saúde da criança
- Saúde do homem
- Saúde do idoso
- Mente e cérebro
- Sobrepeso/obesidade
- Dislipidemia/controle do colesterol
- Doença cardiovascular
- Câncer

¹ Um mesmo artigo pôde ser classificado em mais de uma categoria.

- Doenças infecciosas
- Hábitos de vida, comportamento e meio ambiente influenciando a saúde
- Experimental/genética
- Outras, incluindo fisiologia

- **Teor:** a classificação se deu considerando apenas os títulos/manchetes das matérias, analisando assim se possuíam um caráter:

- Otimista
- Pessimista
- Neutro

- **Referência de produto da indústria farmacêutica ou de equipamentos médicos:** observou-se aqui se nos textos havia citação de medicamentos, indústrias ou equipamentos médicos e farmacêuticos, logo, classificou-se:

- Faz referência direta
- Não faz referência

- **Nacionalidade da pesquisa:** de acordo com o país onde a pesquisa foi realizada definiu-se como:

- Pesquisa nacional
- Pesquisa internacional de países em desenvolvimento
- Pesquisa internacional de países desenvolvidos

- **Autoria:** observou-se quem eram os autores das matérias:

- Jornalista do *staff* do jornal
- Agência de notícias nacional
- Agência de notícias internacional
- Jornal internacional
- *Free lancer*

- Contextualização dos resultados da pesquisa com as evidências anteriores:

atentou-se para o fato de alguns textos apresentarem contextualização sobre o assunto abordado, mencionando evidências anteriores:

- Contextualização presente
- Contextualização ausente

- Contextualização nacional: algumas matérias abordaram o contexto nacional (brasileiro) ao tratar determinado tema, mesmo se tratando de pesquisas internacionais. Quanto a esse aspecto classificou-se:

- Apresenta contexto nacional
- Não apresenta contexto nacional

- Origem da pesquisa: ao divulgar a notícia alguns autores citaram a fonte da pesquisa:

- Referência do periódico científico
- Referência da instituição
- Referência do pesquisador

3.4. Instrumento para coleta de dados

As menções aos temas saúde em geral foram separadas e posteriormente selecionadas somente aquelas que faziam alusão às pesquisas na área da saúde.

3.5. Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada eletronicamente pela pesquisadora principal e pelo orientador, primeiramente foi feita uma seleção das manchetes (título das matérias) e posteriormente pelo conteúdo, quando foram eliminadas as matérias que não abordaram pesquisa em saúde. Os textos foram extraídos da versão eletrônica da Seção Ciência e Saúde, do jornal Folha de S. Paulo e da Seção Vida & Saúde, do jornal O Estado de S. Paulo, no período de 1º de julho a 30 de setembro de 2009.

Na segunda etapa, os textos foram classificados segundo as categorias criadas para análise. A terceira etapa consistiu em quantificar os resultados obtidos.

3.6. Controle de qualidade

Para assegurar a qualidade dos dados, a classificação das matérias em categorias criadas para análise foi feita pela pesquisadora principal, pelo orientador e, em casos de divergências, um terceiro pesquisador foi convidado para analisar a matéria².

3.7. Processamento e análise dos dados

A análise dos dados foi descritiva, feita a partir dos textos encontrados no período de três meses. A análise foi realizada em três etapas. Na primeira foram quantificados os textos sobre pesquisa em saúde divulgados nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo.

Na segunda etapa, eles foram classificados segundo as categorias criadas para análise, seguindo os pressupostos da análise de conteúdo e, na terceira, foi realizada a quantificação dessas categorias, ou seja, foi possível definir quais áreas da saúde tiveram mais pesquisas e quais foram as características dessas abordagens. Para a análise estatística foi utilizado o teste *qui-quadrado* com um nível de significância de 0.05. O tamanho da amostra foi calculado utilizando o programa *G-Power 3.1* (FAUL *et al*, 2009), assumindo um efeito mediano de 0.3, uma potência de 95%, alfa de 0.05 e quatro graus de liberdade. O requerido tamanho da amostra foi de 207.

Após os procedimentos transcreveu-se os resultados obtidos que serviram de base para a discussão deste trabalho.

3.8. Aspectos éticos

Neste estudo não foram utilizados seres humanos como sujeitos de pesquisa. Os dados foram extraídos de textos jornalísticos de domínio público.

² Não houve necessidade de consultar um terceiro pesquisador.

4. RESULTADOS

De um universo de 805 matérias selecionadas que trataram do tema saúde, 211 mencionaram pesquisas científicas realizadas na área (TABELA 1).

TABELA 1.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE TEXTOS SOBRE SAÚDE DIVULGADOS NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO DE JULHO A SETEMBRO DE 2009

<i>ABORDAGEM</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>
Matérias referentes à saúde	310	495
Matérias referentes à pesquisa em saúde	176 (56.7%)	101 (20.4%)
Matérias com menos de 100 palavras	66 (37.5%)	/
Matérias analisadas	110	101

As matérias foram classificadas em treze categorias de assunto: 1) saúde da mulher; 2) saúde da criança; 3) saúde do homem; 4) saúde do idoso; 5) mente e cérebro; 6) sobrepeso/obesidade; 7) dislipidemia/controlado do colesterol; 8) doença cardiovascular; 9) câncer; 10) doenças infecciosas; 11) hábitos de vida/comportamento/meio ambiente influenciando a saúde; 12) experimental/genética; 13) outras.³

Com relação à categoria de assunto, o tema mais divulgado pela Folha de S. Paulo foi referente a hábitos de vida, comportamento e meio ambiente influenciando a saúde, totalizando 35 matérias (31.8%). O Estado de S. Paulo divulgou com mais frequência pesquisas sobre doenças infecciosas, 37 matérias (36.7%). A TABELA 2 reflete esses dados.

³ Categoria que representa tópicos que não se encaixam em outra classificação, incluindo artigos sobre fisiologia.

TABELA 2.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MATÉRIAS PUBLICADAS DE ACORDO COM O ASSUNTO ABORDADO

<i>ASSUNTO⁴</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	<i>QUI-QUADRADO</i>
Saúde da mulher	15 (13.6%)	13 (12.9%)	NS
Saúde da criança	13 (11.8%)	10 (9.9%)	NS
Saúde do homem	5 (4.5%)	5 (4.9%)	NS
Saúde do idoso	9 (8.2%)	6 (5.9%)	NS
Mente e cérebro	22 (20%)	20 (19.8%)	NS
Sobrepeso / obesidade	14 (12.7%)	4 (4.0%)	p=0.002
Dislipidemia / controle do colesterol	11 (10%)	1 (1.0%)	p=0.005
Doença cardiovascular	24 (21.8%)	6 (5.9%)	p=0.001
Câncer	24 (21.8%)	13 (12.9%)	p=0.036
Doenças infecciosas	8 (7.3%)	37 (36.7%)	p<0.001
Hábitos de vida / comportamento / meio ambiente	35 (31.8%)	29 (28.7%)	NS
Experimental / genética	/	28 (27.7%)	p<0.001
Outros	9 (8.2%)	2 (2.0%)	p=0.043

Legenda: NS: não significativo.

⁴ Alguns artigos foram classificados em mais de uma categoria.

Das 101 matérias publicadas no jornal O Estado de S. Paulo, 42 (41.6%) tiveram suas manchetes analisadas como otimistas, enquanto 34 (33.7%) foram consideradas pessimistas. Na Folha a abordagem foi mais negativa, 61 (55.4%) pessimistas e 29 (26.4%) otimistas. Os títulos considerados neutros foram encontrados em 20 (18.2%) matérias da Folha de S. Paulo e em 25 (24.7%) matérias divulgadas no jornal O Estado de S. Paulo (TABELA 3).

TABELA 3.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO TEOR DOS TÍTULOS DAS MATÉRIAS DIVULGADAS

<i>TEOR DO TÍTULO</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	<i>QUI-QUADRADO</i>
Otimista	29 (26.4%)	42 (41.6%)	p=0.019
Pessimista	61 (55.4%)	34 (33.7%)	p<0.001
Neutro	20 (18.2%)	25 (24.7%)	NS

A TABELA 4 representa a distribuição percentual da autoria das matérias divulgadas. A Folha de S. Paulo teve 108 (98.2%) matérias escritas por jornalistas do *staff* do jornal e O Estado de S. Paulo teve apenas três (3.0%). A maior parte das matérias do jornal O Estado de S. Paulo teve origem em agências de notícias nacionais (43.6%) e agências internacionais (49.5%).

TABELA 4.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA AUTORIA DAS MATÉRIAS DIVULGADAS

<i>AUTORIA</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	<i>QUI-QUADRADO</i>
Agência de notícias nacional	1 (0.9%)	44 (43.6%)	p<0.001
Agência de notícias internacional	/	50 (49.5%)	p<0.001

Jornal internacional	/	/	
Jornalista do <i>staff</i> do jornal	108 (98.2%)	3 (3.0%)	p<0.001
<i>Free lancer</i>	1 (0.9%)	/	NS
Sem referência	/	4 (4.0%)	NS

No quesito contextualização do assunto, 80 (72.7%) matérias da Folha de S. Paulo fizeram referência ao estado do conhecimento anterior à pesquisa, e no jornal O Estado de S. Paulo essa contextualização estava presente em 64 (63.4%) matérias.

Além disso, 70% das matérias da Folha de S. Paulo apresentaram contextualização nacional, contra 11.9% publicadas no O Estado de S. Paulo (TABELA 5).

TABELA 5.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS MATÉRIAS COM RELAÇÃO À CONTEXTUALIZAÇÃO DOS RESULTADOS DE PESQUISAS COM EVIDÊNCIAS ANTERIORES E CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL

<i>CONTEXTUALIZAÇÃO</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	<i>QUI-QUADRADO</i>
Contextualização do assunto	80 (72.7%)	64 (63.4%)	NS
Contextualização nacional	77 (70%)	2 (11.9%)	p<0.001

A procedência das pesquisas foi nacional em 62 (56.4%) matérias da Folha de S. Paulo e oito (7.9%) do jornal O Estado de S. Paulo. A Folha de S. Paulo não divulgou pesquisas de países em desenvolvimento e o Estado de S. Paulo publicou seis (5.9%). Pesquisas internacionais de países desenvolvidos foram encontradas em 45 (40.9%) matérias da Folha e 84 (83.2%) no jornal O Estado de S. Paulo. Em ambos os veículos foram publicadas três pesquisas sem indicação da referência (TABELA 6).

TABELA 6.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS PAÍSES DE ORIGEM ONDE AS PESQUISAS FORAM REALIZADAS

<i>NACIONALIDADE DA PESQUISA</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	<i>QUI-QUADRADO</i>
Pesquisa nacional	62 (56.4%)	8 (7.9%)	p<0.001
Pesquisa internacional de países em desenvolvimento, mesmo com cooperação de países desenvolvidos	/	6 (5.9%)	p=0.018
Pesquisa internacional de países desenvolvidos	45 (40.9%)	84 (83.2%)	p<0.001
Sem referência	3 (2.7%)	3 (3.0%)	NS

A TABELA 7 indica se o veículo fez referência ao periódico/instituição onde a pesquisa foi publicada. O jornal O Estado de S. Paulo fez mais referência dos periódicos científicos (70.3%) do que a Folha de S. Paulo (46.4%).

TABELA 7.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TEXTOS ONDE FORAM FEITAS REFERÊNCIAS DE PERÍODICO CIENTÍFICO, INSTITUIÇÃO E/OU PESQUISADOR RESPONSÁVEIS PELAS PESQUISAS PUBLICADAS

<i>ORIGEM DA PESQUISA</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O ESTADO DE S. PAULO</i>	<i>QUI-QUADRADO</i>
Periódico científico	51 (46.4%)	71 (70.3%)	p<0.001
Instituição e/ou pesquisador	59 (53.6%)	30 (29.7%)	p<0.001
Sem referência	/	/	NS

A última tabela (TABELA 8) evidencia se os jornais fizeram ou não referência direta e positiva de produtos, testes diagnósticos ou tratamentos. A Folha de S. Paulo fez referência em duas (1.8%) matérias e o Estado de S. Paulo em sete (6.9%). Referência neutra, negativa ou sua ausência, foi encontrada em 98% das matérias da Folha de S. Paulo e 93% das do jornal O Estado de S. Paulo.

TABELA 8.
DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE TEXTOS QUE FAZEM REFERÊNCIA DIRETA E POSITIVA DE EQUIPAMENTOS/PRODUTOS DA INDÚSTRIA MÉDICA OU FARMACÊUTICA

<i>REFERÊNCIA</i>	<i>FOLHA DE S. PAULO</i>	<i>O EATADO DE S. PAULO</i>	<i>QUI-QUADRADO</i>
Direta e positiva	2 (1.8%)	7 (6.9%)	p=0.066
Neutra, negativa ou não faz referência	108 (98%)	94 (93%)	NS

A seguir, será apresentada a descrição de achados de cada categoria identificada no conjunto de textos. Foram oito categorias propostas para o estudo: 1) assunto; 2) teor do título; 3) referência de produto da indústria farmacêutica ou de equipamentos médicos; 4) nacionalidade da pesquisa; 5) autoria; 6) contextualização dos resultados da pesquisa com as evidências anteriores; 7) apresentação do contexto nacional; 8) origem da pesquisa.

Considerando a quantia de 211 textos analisados, serão expostos dois ou três textos em cada categoria para descrever e elucidar como a análise foi realizada. Sendo assim, serão ilustrados 18 textos (ANEXOS 2 e 2A) que mostrará um breve resumo da matéria e o conteúdo extraído dos textos na íntegra.⁵

⁵ As descrições em itálico são literais

4.1. Assunto

Os textos foram classificados de acordo com a área da saúde que abordaram, definidos em treze subáreas: 1) saúde da mulher; 2) saúde da criança; 3) saúde do homem; 4) saúde do idoso; 5) mente e cérebro; 6) sobrepeso/obesidade; 7) dislipidemia/controle do colesterol; 8) doença cardiovascular; 9) câncer; 10) doenças infecciosas; 11) hábitos de vida/comportamento/meio ambiente influenciando a saúde; 12) experimental/genética; 13) outras.

No jornal Folha de S. Paulo de 31 de julho de 2009, o texto **Periodontite diminui colesterol "bom" e aumenta triglicérides** faz referência à dislipidemia/controle do colesterol, doenças infecciosas e doença cardiovascular.

A pesquisa brasileira revelou que a inflamação das gengivas (periodontite) aumenta o risco de a pessoa ter níveis de triglicérides no sangue e diminui os níveis de HDL (colesterol bom), o que contribui para o desenvolvimento da aterosclerose. A autora do estudo, a dentista Andréa Moreira Monteiro, da USP, estudou o caso de 80 pacientes durante um ano: 40 estavam com a periodontite instalada e outros 40 não tinham o problema. As análises apontam que os pacientes com periodontite crônica têm níveis elevados de LDL oxidado no sangue em comparação com as pessoas saudáveis.

“Uma pesquisa brasileira publicada no "Journal of Periodontology" revela que a periodontite (inflamação dos tecidos moles em torno dos dentes, como a gengiva) aumenta em até quatro vezes o risco de a pessoa ter níveis de triglicérides no sangue maior do que o tolerado e também diminui os níveis de HDL, conhecido como colesterol "bom" - o que aumenta o risco de desenvolver aterosclerose (formação de placas nas paredes das artérias)”.

Folha de S. Paulo, 31 de julho de 2009.

O Estado de S. Paulo abordou os temas saúde da mulher e saúde da criança na matéria **Tratar diabetes durante a gravidez é benéfico, diz estudo**, em 30 de setembro de 2009.

Um estudo com 950 mulheres, que apresentaram diabetes moderada e foram tratadas tiveram menos bebês com excesso de peso, menos cesarianas e menos complicações do que as que não tiveram a diabetes tratada, segundo o responsável pelo estudo, Mark Landon, médico da Universidade Estadual de Ohio.

“A chamada diabetes gestacional começa durante a gravidez e geralmente desaparece após o parto. Pode afetar até uma em cada sete gestantes, dependendo da população. O excesso de açúcar no sangue da mãe pode fazer com que o feto cresça demais, às vezes exigindo cesarianas, e também trazer outros problemas de saúde para o bebê e a mãe”.

O Estado de S. Paulo, 30 de setembro de 2009.

4.2. Teor do título

Os títulos/manchetes das matérias foram classificados como pessimistas, otimistas ou neutros de acordo com a mensagem que transmitiram. Não foram considerados os textos, somente a manchete de cada matéria.

A Folha de S. Paulo utilizou como manchete a frase **Só 25% dos oncologistas orientam sobre fertilidade**, caracterizada como pessimista, em 27 de julho de 2009. O pessimismo se dá ao utilizar a palavra “só” que emana um sentimento negativo, traduzindo uma negligência por parte dos oncologistas.

A manchete **Entenda a ação da vacina para reduzir risco de infecção por HIV** extraída do jornal O Estado de S. Paulo de 24 de setembro de 2009 foi classificada como otimista, uma vez que a expressão “reduzir risco” transmite uma sensação de conforto e possibilidades de que algo possa ser feito para não contrair a doença (HIV).

Um exemplo de título neutro foi encontrado no jornal Folha de S. Paulo em 13 de julho de 2009. A manchete **Massa óssea é maior nas crianças brancas do que nas negras** não traz uma conotação nem positiva, nem negativa, pois não dá indícios de o fato de se ter mais massa óssea é bom ou ruim, apenas cita que há diferença entre as raças.

4.3. Referência de produto da indústria farmacêutica ou de equipamentos médicos

Em alguns textos foram citados os nomes de medicamentos, equipamentos ou laboratórios médicos e farmacêuticos. Foi avaliado se houve referência direta e positiva ou sua ausência.

O texto **Glicemia alta também afeta o coração**, publicado na Folha de S. Paulo em 27 de agosto de 2009, não fez referência a medicamentos ou equipamentos médico/farmacêuticos, pois não citou nenhum remédio que possa reduzir os índices de glicemia no sangue. Apenas mencionou uma pesquisa onde as mulheres que têm um exame de glicose alterado durante a gravidez, mesmo que não desenvolvam o diabetes gestacional, possuem 19% mais risco de ter doenças cardiovasculares no futuro, de acordo com um estudo publicado no "*Canadian Medical Association Journal*".

“As gestantes com exames alterados devem fazer dieta e exercícios antes de passar por uma reavaliação. Conforme a gestação progride, cresce a resistência à insulina e o risco de ficar diabética”.

Folha de S. Paulo, 27 de agosto de 2009.

Médicos belgas inventam berço que evita regurgitação em bebês foi a manchete utilizada para uma matéria publicada em 31 de agosto de 2009 no jornal O Estado de S. Paulo. O texto faz referência direta e positiva a um equipamento médico, neste caso, um berço desenvolvido para evitar que bebês regurgitem. A utilização do berço, criado pelo departamento de pediatria do Hospital Universitário de Bruxelas, na Bélgica, reduziu em 75% o índice de refluxo.

“Apesar da posição pouco convencional que o berço exige, os pais das crianças observadas pelo estudo avaliaram com nota oito, de uma escala de dez, o nível de conforto proporcionado pelo berço, afirma Serge Vleeschouwer, representante da companhia belga Multicare, responsável

pela fabricação. Na Bélgica o invento pode ser alugado em algumas farmácias por diárias de 1,75 euros por dia (cerca de R\$ 4,60)”.

O Estado de S. Paulo, 31 de agosto de 2009.

4.4. Nacionalidade da pesquisa

Foi avaliada a nacionalidade da pesquisa científica divulgada nos textos jornalísticos selecionados. Foram classificadas em pesquisas nacionais, pesquisas internacionais de países em desenvolvimento, mesmo com a cooperação de países desenvolvidos, pesquisas internacionais e algumas matérias não mencionaram a nacionalidade das pesquisas.

O texto **78% dos hospitalizados não se alimentam corretamente**, da Folha de 21 de agosto de 2009, divulga uma pesquisa nacional realizada em 25 hospitais (públicos e privados). Segundo a pesquisa, o sabor da comida não os agrada, a perda do horário da refeição devido à realização de exames e a falta de apetite foram os principais motivos alegados.

A matéria ainda alerta sobre a importância de uma alimentação adequada, pois, na sua ausência, o paciente pode apresentar desnutrição, piorando o quadro geral e dificultando a recuperação da doença de base.

“Dados preliminares de um estudo inédito, realizado em 25 hospitais públicos e privados de dez Estados brasileiros, revelam que 78% dos pacientes internados não se alimentam corretamente”.

O número refere-se a duas instituições do Rio Grande do Sul e duas do Rio de Janeiro, totalizando 104 pacientes. O resultado final será divulgado em novembro”.

Folha de S. Paulo, 21 de agosto de 2009.

Cientistas acham gene que faz macacos consumirem mais álcool foi a manchete dada em 19 de agosto de 2009 para uma matéria divulgada no jornal O Estado de S. Paulo,

que mostra os resultados de uma pesquisa científica internacional realizada em país desenvolvido.

O estudo foi realizado nos Estados Unidos e mostrou que uma variante genética presente em alguns macacos faz com que eles consumam mais álcool durante experiências científicas. O gene, conhecido como fator de liberação de corticotropina (CRF, na sigla em inglês), tem um papel fundamental no sistema que regula a maneira como o ser humano responde ao estresse diário.

Às vezes ele se torna superativo e pode levar a problemas relacionados ao estresse, como ansiedade e depressão.

No estudo, os cientistas descobriram que alguns macacos que apresentavam a variante genética bebiam mais, possivelmente para aliviar sua ansiedade.

“Os autores da pesquisa, do Instituto Nacional de Saúde americano em Bethesda, no Estado de Maryland, acreditam que a descoberta possa levar a novos tratamentos contra o alcoolismo em humanos”.

O Estado de S. Paulo, 19 de agosto de 2009.

A matéria **Vacina BCG pode matar bebês soropositivos, diz estudo**, publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 1º de julho de 2009, mostra um exemplo de pesquisa internacional realizada em países em desenvolvimento.

Segundo a pesquisa, bebês portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) correm o risco de contrair uma variante fatal da tuberculose se receberem a vacina contra tuberculose BCG.

A conclusão foi publicada na revista internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS) e a descoberta é importante porque a vacina contra a tuberculose é administrada de maneira quase universal na África Subsaariana, onde a taxa de contaminação de bebês pelo HIV é uma das maiores do mundo.

“Segundo a OMS, a BCG é administrada a 75% dos recém-nascidos no mundo, mas o estudo realizado na África do Sul revelou que a substância imunizadora pode ser mais perigosa que benéfica para os bebês contaminados pelo HIV”.

O Estado de S. Paulo, 1º de julho de 2009.

4.5. Autoria

Os textos foram classificados segundo sua autoria. Para tanto, foram selecionados os seguintes itens de análise: matérias escritas por jornalista do *staff* do jornal, agência de notícias nacional, agência de notícias internacional, jornal internacional e *free lancer*.

O texto **Viagem longa aumenta risco de trombose venosa**, publicado em 14 de julho de 2009 na Folha de S. Paulo, foi assinado por Julliane Silveira, jornalista contratada da empresa, logo, trata-se de uma matéria cuja autoria é de um jornalista do *staff* do jornal.

A pesquisa divulgada mostra que viagens longas aumentam em até três vezes o risco de tromboembolismo venoso, segundo uma revisão científica de 14 estudos, que considerou 4.055 casos, publicada no "*Annals of Internal Medicine*" por pesquisadores da Escola de Saúde Pública de Harvard.

A cada duas horas de viagem por meio terrestre, como ônibus ou trem, os riscos aumentam 18%. Já durante um voo, as chances de o problema ocorrer crescem 26% a cada duas horas. Segundo o trabalho, estima-se que haja um caso de trombose durante uma viagem a cada 4.600 voos.

Os principais sintomas da trombose venosa profunda são dor e inchaço bastante significativos na perna e endurecimento da panturrilha.

JULLIANE SILVEIRA
DA REPORTAGEM LOCAL

Viagens longas aumentam em até três vezes o risco de tromboembolismo venoso, condição que pode envolver trombose venosa profunda e embolia pulmonar.

Folha de S. Paulo, 14 de julho de 2009.

O texto, publicado no Estado em 3 de setembro de 2009, **Estudo descobre possível rota para vacina contra a aids** é um exemplo de matéria assinada/escrita por uma agência internacional de notícias. Neste caso a Reuters é a responsável pela autoria da matéria.

A agência divulga uma pesquisa onde cientistas usaram uma nova tecnologia para vasculhar o sangue de 1.800 pessoas infectadas com o HIV e identificaram dois anticorpos que são capazes de neutralizar a doença. Foi descoberta uma nova parte do vírus, atacada por esses anticorpos, o que oferece uma nova estratégia para a criação da vacina.

A doença ainda não tem cura, embora um coquetel de drogas possa ajudar a manter o vírus sob controle.

REUTERS

A descoberta de partículas do sistema imunológico humano que atacam o vírus da aids poderá, finalmente, abrir o caminho para a produção de uma vacina capaz de proteger as pessoas da infecção, que continua a ser incurável, dizem pesquisadores dos Estados Unidos.

O Estado de S. Paulo, 3 de setembro de 2009.

4.6. Contextualização dos resultados da pesquisa com as evidências anteriores

Observou-se nesta categoria se os textos traziam contextualização sobre o assunto abordado, ou seja, se havia citações de pesquisas anteriores que iam ao encontro ou contestavam os resultados das pesquisas recentes, mostrando um panorama sobre determinado assunto ao fazer referências ao estado de conhecimento anterior à pesquisa divulgada no corpo da matéria.

A matéria intitulada **Depressão: doença será a mais comum do mundo em 2030**, publicada na Folha em 3 de setembro de 2009, não contextualiza o assunto abordado – depressão – com evidências anteriores sobre a doença.

O texto fala que nos próximos 20 anos a depressão deve se tornar a doença mais comum do mundo, superando câncer e doenças cardíacas, mas não cita nenhuma pesquisa anterior a esses dados.

A depressão pode ser considerada uma epidemia silenciosa, porque é cada vez mais diagnosticada, está em toda parte e deve aumentar em termos de proporção, enquanto a ocorrência de outras doenças está diminuindo.

“A depressão tem diversas causas, algumas delas biológicas, mas parte delas vem de pressões ambientais e, obviamente, as pessoas pobres sofrem mais estresse em seu dia a dia do que as ricas”.

Folha de S. Paulo, 3 de setembro de 2009.

O texto **Vegetarianos têm menor risco de sofrer de câncer, diz estudo**, publicado no jornal O Estado de S. Paulo em 1º de julho de 2009, traz um panorama anterior às descobertas da nova pesquisa.

Segundo a matéria, os riscos de os vegetarianos desenvolverem câncer é 12% menor em relação ao dos consumidores de carne, enquanto pesquisas anteriores já haviam mostrado ligação entre o consumo de grande quantidade de carne vermelha ou processada com uma taxa mais elevada de câncer no estômago.

A mais notável e surpreendente diferença foi nos casos de câncer no sangue - tais como leucemia ou múltiplo mieloma e linfoma não-Hodgkin - em que o risco da doença é 45% menor em vegetarianos do que entre os consumidores de carne.

“Pesquisas anteriores já haviam mostrado ligação entre o consumo de grande quantidade de carne vermelha ou processada com uma taxa mais elevada de câncer no estômago. O novo estudo, envolvendo mais de 60.000 pessoas, realmente confirmou haver menor risco de câncer de estômago e de bexiga entre os vegetarianos”.

O Estado de S. Paulo, 1º de julho de 2009.

4.7. Contextualização nacional

As pesquisas nacionais conseqüentemente apresentaram uma contextualização nacional sobre o tema abordado. Entretanto, algumas pesquisas internacionais apresentaram ou não essa contextualização.

Em inúmeros casos fala-se sobre as evidências de um estudo em determinado país e o cenário brasileiro sobre o assunto não é citado.

Na matéria **Aspirina reduz risco de morte em casos de câncer colorretal**, publicada na Folha de S. Paulo em 13 de agosto de 2009, é divulgado que o uso regular de aspirina pode reduzir o risco de morte em pacientes com câncer colorretal. Além disso, foram mencionados outros dados que revelam que no Brasil esse tumor é o terceiro, em mulheres, e o quarto, em homens, de maior incidência, segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), evidenciando uma contextualização nacional sobre o tema abordado pela pesquisa.

Outra contextualização fica evidente quando se elucida que pesquisas anteriores já haviam apontado que a aspirina também diminui o risco de adenoma colorretal (tumor benigno), mas foi a primeira vez que se demonstra o impacto na sobrevivência de pacientes com o câncer.

Os resultados sugerem que a aspirina pode influir na biologia dos tumores colorretais, além de prevenir sua aparição e, para o oncologista Auro Del Giglio, coordenador de oncologia do hospital Albert Einstein, há mais de dez anos existem evidências de que pacientes portadores de polipose intestinal, doença que frequentemente evolui para o câncer colorretal, têm uma diminuição do número de pólipos após o tratamento com aspirina.

O único problema é que não é uma terapia totalmente sem riscos. Quando se toma aspirina regularmente há chances de úlcera e de sangramentos, por exemplo.

“No Brasil, esse tumor é o terceiro (em mulheres) e o quarto (em homens) de maior incidência, segundo o Inca (Instituto Nacional de Câncer)”.

“Pesquisas anteriores já haviam apontado que a aspirina também diminui o risco de adenoma colorretal (tumor

benigno), mas é a primeira vez que se demonstra o impacto na sobrevivência de pacientes com o câncer”.

Folha de S. Paulo, 13 de agosto de 2009.

O Estado de S. Paulo, em 1º de julho de 2009, divulgou uma pesquisa numa matéria intitulada **Vinho pode minimizar efeitos da radioterapia, diz estudo**, sem apresentar uma contextualização nacional sobre o tema.

Segundo a pesquisa realizada na Itália, um copo de vinho por dia pode ajudar pacientes com câncer de mama a tolerar melhor a radioterapia e reduzir os efeitos colaterais adversos.

O estudo afirmou que polifenóis encontrados no vinho podem ajudar a proteger tecidos saudáveis dos efeitos da radiação ao mesmo tempo que combatem células cancerígenas.

“A pesquisa foi realizada com 348 mulheres em tratamento de câncer de mama entre 2003 e 2007 na unidade de radioterapia e tratamento paliativo da Universidade Católica de Campobasso, no sul da Itália”.

O Estado de S. Paulo, 1º de julho de 2009.

4.8. Origem da pesquisa

Foi analisado se os autores dos textos mencionaram a fonte da pesquisa, ou seja, nome do periódico científico onde foi publicada, nome do pesquisador ou instituição onde foi realizada.

Em 1º de setembro de 2009 a Folha de S. Paulo publicou no texto **Incidência de tuberculose recua 27,6% em dez anos** apenas a instituição onde a pesquisa foi realizada, neste caso, o Ministério da Saúde.

A pesquisa mostra que o Brasil teve uma queda de 27,6% em dez anos na taxa de incidência de novos casos de tuberculose. Segundo Margareth Dalcolmo, diretora do

Centro de Referência Hélio Fraga, da Fiocruz, estudos apontam que o desejável é uma queda de 4% a 5% anuais - a média foi de 2,7% ao ano.

Ela afirmou também que o País tem um programa considerado modelo no mundo, mas tem falhas na qualidade do atendimento. E apontou como principais problemas demora no diagnóstico da doença e falta de continuidade no tratamento, além das condições sociais em que vivem os pacientes.

“O Brasil teve uma queda de 27,6% na taxa de incidência de novos casos de tuberculose, de acordo com dados divulgados ontem pelo Ministério da Saúde. Foram 37,1 registros por 100 mil habitantes no ano passado, contra 55,4 em 1999”.

Folha de S. Paulo, 1º de setembro de 2009.

A matéria **Coxa grande pode indicar risco menor de doenças cardíacas**, publicada em 4 de setembro de 2009 no jornal O Estado de S. Paulo, teve o nome do periódico científico onde a pesquisa foi difundida divulgado.

A pesquisa sugeriu que homens e mulheres cujas coxas têm circunferência superior a 60 cm têm menor risco de desenvolver doenças cardíacas.

Para os pesquisadores, aqueles com coxas estreitas podem não ter massa muscular suficiente para processar a insulina de maneira apropriada, aumentando o risco de diabetes e, por consequência, de doenças cardíacas.

O estudo acompanhou 3.000 homens e mulheres na Dinamarca por mais de dez anos e monitorou a incidência de doenças cardíacas nos pacientes e a taxa de mortes por um período de 12 anos e meio.

“O benefício ocorre mesmo quando fatores como gordura corporal, cigarros e colesterol do sangue são levados em consideração, afirmam os cientistas, cuja pesquisa foi publicada na revista especializada British Medical Journal”.

O Estado de S. Paulo, 4 de setembro de 2009.

5. DISCUSSÃO

O presente estudo – que avaliou a abordagem de pesquisas científicas na área da saúde veiculadas nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo - sugere análises mais amplas e interdisciplinares. Com base nas nossas análises, chegamos a algumas conclusões que merecem discussão e reflexão embasadas na literatura.

Os resultados foram divididos de acordo com as categorias de classificação nas quais as matérias foram analisadas. Este trabalho, sendo de caráter descritivo, não pretende se aprofundar no embasamento teórico dos textos, mas sim na estrutura de variáveis proposta pela pesquisadora principal e orientador deste estudo.

Primeiramente, das 805 matérias sobre saúde veiculadas nos dois jornais – Folha e Estado – 277 fizeram referência à pesquisa na área da saúde, sendo que 66 matérias publicadas na Folha de S. Paulo apresentaram estrutura de texto muito simples, impossibilitando seu enquadramento na estrutura de variáveis proposta. Logo, num cenário de 805 matérias, 211 abordaram pesquisas científicas em saúde, tornando-se a amostra.

O assunto mais abordado pelo jornal O Estado de S. Paulo foi sobre doenças infecciosas, talvez pelo fato das análises coincidirem com o surgimento da gripe H1N1, que se tornou assunto prioritário para a mídia e para a população brasileira em geral pela gravidade e desconhecimento da doença. Apenas cinco artigos (11.1%) abordaram doenças negligenciadas, como malária e tuberculose, que são altamente prevalentes no Brasil. Das 37 (36.7%) notícias sobre doenças infecciosas publicadas no jornal O Estado de S. Paulo, 21 (56.7%) referiam-se à gripe.

A gripe H1N1 teve início no México, em abril de 2009 e, segundo dados do Ministério da Saúde, entre 25 de abril e 8 de agosto, foram informados pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde 192 óbitos por influenza A (H1N1) no Brasil e com relação aos outros países, foram notificadas 436 mortes nos Estados Unidos, 338 mortes na Argentina, 104 no Chile e 149 no México. Nas 21 matérias veiculadas no jornal O Estado de S. Paulo encontrou-se estimativas das mortes, eficácia da vacina, pesquisas desenvolvidas para detectar o vírus e associação com outras doenças.

A Folha de S. Paulo deu ênfase para pesquisas que traziam a influência dos hábitos de vida, comportamento e meio ambiente para a saúde das pessoas, evidenciando sua linha

editorial que abusa de temas ligados a esse assunto (bem estar). Encontra-se, inclusive, um encarte denominado “Folha Equilíbrio” que aborda temas relacionados à qualidade de vida. Tal característica condiz com o exposto no estudo realizado por Stryker (2002), que avaliou o conteúdo de 95 artigos sobre saúde no *Journal of the American Medical Association* (Jama) e no *New England Journal of Medicine* (NEJM) e concluiu que artigos com conteúdo “Estilo de Vida” geraram quatro vezes mais matérias que aqueles com conteúdo médico. Ambos os jornais deram ênfase ao tema “hábitos de vida, comportamento e meio ambiente influenciando a saúde”. Estes resultados ajudam a desconstruir a suposição de que o jornalismo em saúde centra-se, principalmente, sobre as doenças.

Vale mencionar a definição de Heidmann *et al.* (2006) para o termo promoção da saúde. “A concepção de promoção da saúde está ligada aos aspectos políticos, materiais, organizacionais e simbólicos da vida das pessoas em sociedade e será o equilíbrio de componentes da vida diária, como moradia, lazer, educação, trabalho, etc., que irá determinar, em grande parte, as possibilidades de uma vida sadia e protegida de doenças”.

Embora a Folha e o Estado tenham abordado o tema “estilo de vida” na mesma proporção, houve considerável divergência na escolha de outros temas ao comparar os dois jornais. A Folha de S. Paulo não publicou nenhuma matéria sobre genética, tema bastante abordado pelo Estado (27.7%). Assim como o assunto “doenças infecciosas” – tema abordado em maior quantidade pelo Estado (36.7%) – estava presente em apenas 7.3% das publicações da Folha. Pesquisas sobre “doenças cardiovasculares” não tiveram evidência no Estado, apenas seis (5.9%) matérias, enquanto a Folha publicou 24 (21.8%). Os temas “obesidade” e “dislipidemia” também tiveram uma significativa diferença no número de publicações. Ambos os temas foram mais abordados pela Folha do que pelo O Estado (Folha 12.7%, Estado 4.0%, $p=0.002$ e Folha 10%, Estado 1.0%, $p=0.005$, respectivamente).

Segundo Amaral (2005), a escolha por determinados assuntos se dá porque existe uma certa sazonalidade na distribuição dos conteúdos, tanto baseada no interesse editorial quanto nos acontecimentos. A tendência é mais observada nas situações factuais (emergentes no dia a dia) e menos nas “matérias frias” (textos que não perdem a oportunidade de serem difundidos, mesmo não obedecendo rigorosamente questões temporais).

Quando avaliamos o teor dos títulos/manchetes das notícias observamos que a veiculação de teor pessimista superou o otimista. Ao considerar somente o título como objeto de análise, e não o texto, buscamos evidenciar se as “chamadas” para as matérias realmente seguem a premissa de “prender o leitor”. Há leitores que não têm o hábito da leitura rotineira de jornais, então, esses veículos precisam seduzir o leitor cotidianamente e uma forma de fazê-lo é utilizar o sensacionalismo, que provoca sensações no leitor por meio da valorização das coberturas, fotos chocantes, e uma linguagem melodramática (AMARAL, 2006).

Entretanto, é relevante considerar que grande parte das pesquisas em saúde utiliza o conceito de risco associado a alguns fatores ao divulgar seus estudos, o que cria uma impressão pessimista.

Considerando os dois jornais, 45% das matérias tiveram títulos negativos contra 33.6% títulos positivos. Foram encontradas manchetes alarmantes como “Remédios podem aumentar risco de câncer em crianças” ou “Mortalidade da gripe suína é impossível de prever”. No artigo publicado por Bartlett *et al.* (2002), os *releases* analisados apresentavam equilíbrio entre notícias de conteúdo pessimista e otimista, mas as pessimistas foram mais publicadas nos jornais *The New York Times* e *The Sun*.

É comum ouvirmos que notícias ruins e catástrofes aguçam a curiosidade do povo e que o sensacionalismo é uma estratégia de venda no jornalismo. A famosa norma “se sangrar é manchete” - tradução da expressão inglesa *if it bleeds, it leads*, muito popular entre jornalistas norte-americanos - é muito utilizada pela maioria esmagadora dos veículos de comunicação. Porém, uma pesquisa realizada este ano, por pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, mostrou que essa tendência pode mudar. Foram examinadas durante seis meses as mensagens de correio eletrônico produzidas por leitores do jornal *The New York Times* e constatou-se que mais da metade delas se referiam a fatos e notícias com teor otimista. Segundo uma matéria veiculada no Observatório da Imprensa, “pela primeira vez os fatos contradizem um comportamento, raríssimas vezes questionado nas redações, de que as pessoas têm uma atração especial pelo mórbido, violência, escândalo e pelo sexo” (CASTILHO, 2013).

Todas as pesquisas publicadas possuíam o periódico científico ou pesquisador/instituição responsável pelos estudos divulgados. Esta conclusão contradiz a

visão que Oliveira *et al.* (2010) tem sobre a informação de fontes em matérias sobre conteúdos científicos. Segundo esses autores, estudos revelam que as fontes das matérias sobre pesquisas científicas publicadas pelos meios de comunicação não são expostas de maneira clara. O que muitas vezes nos faz duvidar da utilização das mesmas.

Com relação à referência positiva e direta de produtos da indústria farmacêutica ou equipamentos médicos, o Estado mencionou produtos e empresas de forma positiva com mais frequência que a Folha, mas, essa diferença não alcançou significância estatística (Folha 1.8%, Estado 6.9%, $p=0.066$). Existem diversas críticas com relação a menção favorável de produtos por meios de comunicação, pois confunde-se o jornalismo com a propaganda. Logo, espera-se cautela dos jornalistas ao opinar sobre determinados produtos, pois, de acordo com Bueno (2011), há uma relação promíscua da comunicação da saúde (e em particular do jornalismo em saúde) com os interesses das empresas fabricantes de produtos ou prestadoras de serviços na área.

Outro ponto a ser destacado é que pouco se valorizou as pesquisas em saúde realizadas por instituições e pesquisadores brasileiros. No jornal O Estado de S. Paulo, apenas quatro (3.9%) matérias trouxeram estudos realizados no País e 83.1% falavam de pesquisas de países desenvolvidos. A Folha de S. Paulo informou 56.3% pesquisas nacionais contra 40.9% de países desenvolvidos.

Acreditamos que no caso da Folha de S. Paulo esta evidência está relacionada ao fato de 98.1% das matérias terem sido escritas por jornalistas do *staff* do jornal, o que também viabiliza que especialistas brasileiros possam ser consultados para expressarem suas opiniões sobre os temas abordados. Na maioria dos textos estavam presentes comentários de médicos e outros profissionais da saúde.

No jornal O Estado de S. Paulo, as matérias publicadas foram enviadas por agências de notícias nacionais, como a BBC Brasil e Agência Estado, e agências internacionais. Fica evidente que, na maioria das vezes, a equipe recebe o texto das agências e não os modifica, ou seja, a notícia não é reescrita ou questionada por um jornalista do *staff* do jornal.

Para Göpfert (2007), a comunicação em saúde enfrenta muitas dificuldades que podem comprometer a qualidade das notícias médicas. Há um aumento do número de relatos publicados na mídia vindos de agências de notícias. Geralmente, os relatórios

relacionados à saúde divulgados na mídia não abordam controvérsias sobre o tema, o que é crucial para o processo científico.

Bueno (2011) explica que é comum que a cobertura de saúde esteja povoada de *releases* emitidos por essas fontes (agências), disfarçados de matérias isentas, legitimadas pela incidência de conceitos e resultados de pesquisas, oriundos de empresas tidas como líderes e de universidades e centros de pesquisa considerados como referência. Como concluiu Göpfert (2007), o ritmo de produção do atual jornalismo faz com que na maioria das vezes a equipe só receba o *press release* da instituição ou do periódico em que a pesquisa foi divulgada e o publica sem qualquer mudança ou questionamento. Não há tempo para se trabalhar a matéria ou consultar outra opinião.

Faz-se necessário retomarmos à problemática relatada no início deste trabalho. A conclusão de que 93% das matérias avaliadas do jornal O Estado de S. Paulo terem sido escritas por agências de notícias mostra, como citou Cerqueira e Kanashiro (2009), que há um crescente domínio de matérias oriundas de relações públicas das agências de notícias, chegando a dominar mais de 2/3 do total de notícias.

Mediante este cenário, a contextualização das pesquisas divulgadas torna-se prejudicada. As matérias não trazem discussão do tema abordado, apenas informam os resultados daquilo que foi pesquisado, mas não apresenta detalhes ou objeções com relação ao assunto e deixam de fazer comentários paralelos às evidências dos temas abordados com o panorama brasileiro sobre o mesmo.

E mais, temas científicos vêm sendo apresentados de maneira superficial e sensacionalista pelos meios de comunicação. A mídia raramente discute as políticas públicas para a área de Ciência, Tecnologia e Inovação. A tendência atual na cobertura das reportagens sobre saúde analisadas é a superficialidade, a objetividade excessiva e não geradora de conhecimento crítico (OLIVEIRA *et al.* 2010).

A questão da divulgação científica nos meios de comunicação tem fundamentalmente um problema conceitual, que é a diferença básica entre os objetivos do processo de produção de conhecimento científico e do processo comunicacional, seja jornalístico, seja em qualquer outra mídia de massa. Nos meios midiáticos encontramos, muitas vezes, uma demanda transversal de homogeneidade e de superficialidade, o que não faz parte da linguagem da Ciência. (OLIVEIRA *et al.* 2010)

Pode-se dizer então que a maneira como as pesquisas em saúde são publicadas as torna apenas difusas. Para entender melhor, convém distinguir as três categorias de comunicação atuantes nos textos científicos, as quais costumam ser confundidas no meio leigo e até mesmo jornalístico. São os termos *difusão*, *disseminação* e *divulgação*. MELO (2003) definiu *difusão* como a tarefa de informar, em linguagem universal, o que ocorre no mundo da ciência, tornando os fatos acessíveis ao conhecimento do público; na *disseminação*, este conhecimento fica restrito ao segmento do público que domina o jargão em que a mensagem foi elaborada; e, na *divulgação*, a mensagem pressupõe transcodificação (tradução da linguagem e simplificação do conteúdo) e se efetiva quando os produtores têm competência científica e comunicativa (dominando o conteúdo específico e o processo de vulgarização informativa). Logo, predomina nos meios de comunicação a *difusão*.

No entanto, não há um tipo de tradução a ser feita entre as linguagens científica e jornalística. Porém, a imprensa busca muitas vezes fazer um tipo especial de tradução que, por isso mesmo, tem suas limitações institucionais e de linguagem representados, na maioria das vezes, pela simplificação exagerada e pela necessidade de tornar a informação científica mais “interessante” ao leitor médio. E isso não colabora em nada com a aproximação da população dos conteúdos da Ciência (OLIVEIRA *et al.* 2010).

A predominância de textos importados – como se pode observar no jornal O Estado de S. Paulo – pode contribuir para o distanciamento entre o tema Ciência e a população. Fica evidente a falta de contextualização e ausência de transposição do tema abordado à realidade brasileira. Textos escritos por agências internacionais e profissionais estrangeiros não possuem o mesmo formato e preocupação com a compreensão do leitor quanto um texto redigido por um profissional do jornal, que conhece seu público e escreve com o compromisso de torná-lo bem informado.

A não participação do jornalista e sua falta de capacitação mostram uma clara dificuldade do profissional de comunicação em tornar o discurso científico compreensível para o público leitor, sem deturpá-lo ou torná-lo simplista. De acordo com Oliveira *et al.* (2010), a falta de qualificação profissional, aliada à cobrança das editorias por rapidez na apuração e redação das reportagens, a fim de fechar a publicação em tempo hábil para a distribuição, fazem do texto jornalístico científico dos jornais diários uma tentativa ainda

ineficaz e insuficiente para se atingir o objetivo de contribuir para a alfabetização científica do leitor.

Ainda sobre este aspecto, Bueno (2001) afirma que são inúmeros os fatores que têm dificultado a divulgação científica pelos meios de comunicação, dentre os quais se sobressaem o analfabetismo científico da população, a dificuldade natural de se decodificar o discurso científico, a incompreensão e a desconfiança que vigoram na relação entre cientistas e jornalistas e, sobretudo, a diferença inconciliável entre o processo de produção científica e o processo de produção jornalística. Vários estudos empreendidos pelo referido autor a respeito desse assunto revelaram que a cobertura de ciência e tecnologia, com raras exceções, está relegada a segundo plano e entregue a jornalistas sem experiência ou especialização na área, pecando pelo sensacionalismo, pela irregularidade e pela ausência de contextualização.

Espera-se que este trabalho contribua para repensar uma forma pessoal de interação dos jornais com o leitor. De acordo com LAFER (1991), o direito à informação é uma liberdade democrática destinada a permitir uma autônoma e igualitária participação dos indivíduos na esfera pública.

Os resultados encontrados poderão contribuir para que a divulgação de pesquisas científicas na área da saúde seja mais esclarecedora, uma vez que ela é uma das principais fontes de informação sobre saúde. O conteúdo divulgado influencia comportamentos e esperamos que jornalistas e veículos de comunicação passem a contextualizar e apresentar contrapontos daquilo que é publicado e ofereçam aos leitores informações abrangentes que permitam suas interpretações e críticas.

6. CONCLUSÃO

- O tema saúde prevaleceu em 805 matérias durante os três meses de pesquisa (310 matérias no jornal Folha de S. Paulo e 495 matérias no jornal O Estado de S. Paulo). Deste montante, 277 mencionaram pesquisas científicas na área da saúde (176 na Folha e 101 no Estado).
- A Folha e o Estado deram ênfase a pesquisas que retratam estilo de vida e promoção da saúde. A Folha divulgou mais pesquisas sobre doenças cardiovasculares, dislipidemia, obesidade e câncer, enquanto o Estado divulgou mais frequentemente pesquisas sobre doenças infecciosas e experimental/genética.
- Os títulos/manchetes pessimistas sobressaíram os de conteúdo otimista.
- A Folha de S. Paulo teve suas matérias mais frequentemente escritas por jornalistas do *staff do jornal*. O Estado de S. Paulo divulgou mais frequentemente matérias enviadas por agências de notícias nacionais e internacionais.
- A Folha divulgou pesquisas nacionais em maior quantidade, enquanto o jornal O Estado deu mais ênfase a pesquisas de países desenvolvidos.
- Houve contextualização dos resultados de pesquisas com evidências nacionais na maioria das matérias do jornal Folha de S. Paulo, enquanto isso foi raro no jornal O Estado de S. Paulo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, I. C. G. A. **Abordagem da menopausa em textos jornalísticos veiculados em revistas de atualidades**. 2005. 206 f. Dissertação (Mestrado em Tocoginecologia) - Curso de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.

AMARAL, M. F. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006. 144 p.

ARAÚJO, I.; JORDÃO, E. Velhos dilemas, novos enfoques: uma contribuição para o debate sobre estudos de recepção. In: PITTA, A. M. R. **Saúde & Comunicação – visibilidades e silêncios**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1995. p.172-175.

BARBEIRO, H. O que é, o que é? In: BARBEIRO, H. **Você na telinha: como usar a mídia a seu favor**. São Paulo: Futura, 2002. p.15.

BARTLETT, C.; STERNE, J.; EGGER, M. What's newsworthy? Longitudinal study of the reporting of medical research in two British medical newspapers. **British Medical Journal**, Massachusetts, v. 325, p. 81-84, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1136/bmj.325.7355.81>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

BIZZO, M. L. G. Difusão científica, comunicação e saúde. **Caderno Saúde Pública**, v. 18, n. 1, p. 307-314, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O Brasil falando como quer ser tratado. Efetivando o SUS: acesso, qualidade e humanização na atenção à saúde com controle social**, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/Publicacoes/11_cns.pdf%20>. Acesso em: 15 jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Políticas Públicas em Popularização da C & T e divulgação científica**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://midiadigital.jor.br/embrapa/simposiojornalismo/apresentacoes/monica_mcti.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2012.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0214/214770.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BUCCHI, M.; MAZZOLINI, R. Big science, little news. In BAUER, M.W.; BUCCHI, M. (Eds). **Journalism, science and society. Science communication between news and public relations**, New York, Routledge - Taylor & Francis Group, LLC, 2007. p. 53-70.

BUENO, W. C. **Comunicação para Saúde: uma revisão crítica**. 2001. Disponível em: <http://www.comunicasaude.com.br/comunicasaude/artigos/jornalismo_saude/artigo12.php>. Acesso em 21 abr. 2012.

BUENO, W. C. **Um jornalismo mais investigativo para a divulgação científica**, 2011. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/divulgacao_cientifica/artigo3.php> Acesso em: 21 abr. 2012.

CALDAS, G. Política de C&T, mídia e sociedade. **Revista Comunicarte**, v. 19, n. 25, p. 135, 2002.

CASTILHO, C. **‘Notícias ruins’ fazem manchetes, mas o público comenta mais as ‘boas’**, 2013. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/posts/imprimir/2762>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

CERQUEIRA, N.; KANASHIRO, M. Divulgação e cultura científica. **ComCiência**. Campinas, n. 100, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37>>. Acesso em: 28 mar. 2011.

DENTZER, S. Communicating medical news - Pitfalls of health care journalism. **The New England Journal of Medicine**, Massachusetts, v. 360, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1056/NEJMp0805753>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

ENTWISTLE, V. Reporting research in medical journals and newspapers. **BMJ**, Reino Unido, v. 310, n. 6984, p. 920-923, 1995. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1136/bmj.310.6984.920>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

ERBOLATO, M. **Deontologia da comunicação social**. Petrópolis: Vozes, 1982. p.41-42.

FALASCHI, C. P. Comunicação e educação: conhecer para transformar. In: BARZOTTO, V. H., GHILARDI, M. I. (Org). **Mídia, educação e leitura**. 21 ed. São Paulo: Anhembi Morumbi – Associação de Leitura do Brasil, 1999. p.66.

FAUL, F. et al. G*Power 3: statistical power analysis using G*Power 3.1: tests for correlation and regression analyses. **PubMed**. v. 41, n. 4, 2009. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19897823>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

FIGUEIREDO, J. C.; GIANGRANDE, V. **Comunicação sem fronteiras: da pré-história à era da informação**. São Paulo: Gente, 1999. p.68.

FJAESTAD, B. Why journalists report science as they do. In: BAUER, M.W.; BUCCHI, M. (Eds). **Journalism, science and society. Science communication between news and public relations**, New York, Routledge - Taylor & Francis Group, LLC, 2007. p. 123-131.

FOLHA DE S. PAULO. Estudos EGM - 1º Semestre de 2012 - Leitores da Folha de S. Paulo – Nacional. Disponível em: <<http://www.publicidade.folha.com.br/web/consultarPerfilLeitor.jsp?p1=FSP&p2=x>> Acesso em: 10 mai. 2013.

GÖPFERT, W. The strength of PR and the weakness of science journalism. In: BAUER M.W.; BUCCHI, M. (Eds). **Journalism, science and society. Science communication between news and public relations**, New York: Routledge - Taylor & Francis Group, LLC, 2007. p. 215-226.

GRUPO ESTADO. Estudos Marplan/EGM - Consolidado 2011 – Leitores do jornal O Estado de S. Paulo – Gde S.P. Disponível em: <<http://www.grupoestado.com.br/midiakit/estadao/index.asp?Fuseaction=Perfil>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

HEIDMANN, I. et al. Promoção à saúde: trajetória histórica de suas concepções. **Texto Contexto - Enferm.** v. 15, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000200021&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 jul. 2012.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO. **Os maiores jornais do Brasil de circulação paga por ano – 2009**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

LAFER, C. **A reconstrução dos direitos humanos. Um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p.35.

LUIZ, O. C. Jornalismo científico e risco epidemiológico. **Ciênc. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, mai/jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232007000300022&script=sci_arttext> Acesso em: 11 set. 2011.

MACEDO, M. et al. Divulgação de saúde na imprensa brasileira: expectativas e ações concretas. **Portal do jornalismo científico**, 2000. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo5.php>. Acesso em: 26 set. 2010.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais – 1922-1989**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p.59-139.

MARTINS, D. M. Consulta coletiva: o espaço da mulher. **Cad Saúde Pública**, v.7, n. 2, p. 267-283, 1991.

MASSARANI, L. et al. Growing, but foreign source dependent. Science coverage in Latin America. In: BAUER M.W.; BUCCHI, M. (Eds). **Journalism, science and society. Science communication between news and public relations**, New York: Routledge - Taylor & Francis Group, LLC, 2007. p. 71-79.

MASSARANI, L. Ciência, saúde e público. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n6/a01v19n6.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2011.

MEDEIROS, A. L. A Relação Ciência - Tecnologia - Sociedade na Divulgação Científica sobre Medicina e Saúde na TV Aberta Brasileira, In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2., 2004, Bahia. *Anais...* Bahia: SBPJOR, 2004. p. 1-16

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p.23.

MONTANÉ, E., et al. Scientific drug information in newspapers: sensationalism and low quality. The example of therapeutic use of cannabinoids. **Eur J Clin Pharmacol**, New York, v. 61, n. 5-6, p. 475-477, 2005.

OLIVEIRA, L. et al. A divulgação científica de temas de saúde: análise de um impresso. **Ciência em tela**. v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0110_oliveira.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2012.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 240 p.

PHILLIPS, D.P. et al Importance of the lay press in the transmission of medical knowledge to the scientific community. **The New England Journal of Medicine**, Massachusetts, v. 325, n. 16, p. 1180-1183, 1991.

RICE, M.; CANDEIAS, N. M. F. Padrões mínimos da prática da educação em saúde – um projeto pioneiro. **Rev Saúde Pública**, v. 23, n. 4, p. 347-351, 1989.

SCHIAVO, R. **Health Communication: From Theory to Practice**. San Francisco: Jossey-Bass, A Wiley Imprint, 2007. 464 p.

SHUCHMAN, M.; WILKES, M.S. Medical scientists and health news reporting: a case of miscommunication. **Ann Intern Med**, Philadelphia, v. 126 n. 12, p. 976-982, 1997.

STRYKER, J.E. Reporting medical information: effects of press releases and newsworthiness on medical journal articles visibility in the news media. **Prev Med**, Philadelphia, v. 35 n. 5, p. 519-530, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1006/pmed.2002.1102>>. Acesso em: 5 fev. 2011.

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES, National Committee on Vital and Health Statistics. **Information for Health: A Strategy for Building the National Health Infrastructure**. Washington, 2001. Disponível em: <<http://aspe.hhs.gov/sp/nhii/Documents/NHIIReport2001/default.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. Office of Disease Prevention and Health Promotion. **Healthy People 2010**, Washington, 2005. Disponível em: <<http://www.healthypeople.gov/document/HTML/Volume1/11HealthCom.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

VOGT, C. Divulgação e cultura científica. **ComCiência**. Campinas, n. 100, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=37>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

VERGARA, M. R. Ensaio sobre o conceito de vulgarização científica no século XX. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 137-145, jul/dez. 2008.

WRIGHT, K.B., SPARKS, L.S.; O'HAIR, H. D. **Health Communication in the 21st Century**. Malden, MA: Blackwell. 2008. 344 p.

8. ANEXOS

ANEXO 1

TEXTOS JORNALÍSTICOS SOBRE PESQUISA EM SAÚDE VEICULADOS NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO DE 1º DE JULHO A 30 DE SETEMBRO DE 2009

DATA	TÍTULO	ENDEREÇO ELETRÔNICO
31/07/2009	Periodontite diminui colesterol "bom" e aumenta triglicerídeos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd3107200903.htm
31/07/2009	Cápsula é inferior a colonoscopia no diagnóstico de lesão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd3107200901.htm
30/07/2009	Alimento orgânico não possui maior valor nutricional	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd3007200901.htm
29/07/2009	OMS eleva alerta de risco de câmara de bronzeamento	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2907200901.htm
28/07/2009	Uso de analgésico eleva risco de hipertensão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2807200901.htm
27/07/2009	Homens escolhem pior a comida fora de casa, diz estudo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2707200904.htm
27/07/2009	Só 25% dos oncologistas orientam sobre fertilidade	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2707200901.htm
26/07/2009	A audição do idoso	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2607200902.htm
25/07/2009	Cirurgia pode tratar obesidade leve	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2507200901.htm
24/07/2009	Cirurgia cerebral beneficia memória de doente epilético	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2407200901.htm
22/07/2009	Cortar sal pode tratar pressão alta resistente a remédios	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2207200902.htm

22/07/2009	1/3 dos cânceres de mama sem tratamento não evolui	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2207200901.htm
21/07/2009	24% dos pacientes com varizes podem desenvolver trombose	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2107200903.htm
21/07/2009	Taxa de doação de órgãos na cidade de SP é a maior da história	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2107200902.htm
21/07/2009	Mil pênis são amputados por ano no país, diz estudo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2107200901.htm
20/07/2009	Taxa de cesarianas cresce na rede privada de saúde	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2007200901.htm
18/07/2009	Tabagismo acelera piora da esclerose múltipla, diz estudo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1807200904.htm
18/07/2009	Injeção de plaquetas acelera recuperação de músculos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1807200901.htm
17/07/2009	Pesquisa liga enxaqueca a risco reduzido de câncer de mama	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1707200902.htm
17/07/2009	Jovens ingerem 50% do cálcio necessário	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1707200901.htm
16/07/2009	Homeopatia pode funcionar contra rinite a longo prazo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1607200901.htm
15/07/2009	Coração se recupera após bater 11 anos com outro doado	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1507200903.htm
15/07/2009	Exercícios e dieta ajudam a evitar declínio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1507200902.htm
15/07/2009	Alteração vascular é maior causa de demência no país	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1507200901.htm
14/07/2009	1 em cada 60 mil bolsas de sangue pode ter o vírus HIV	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1407200904.htm

14/07/2009	Viagem longa aumenta risco de trombose venosa	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1407200901.htm
13/07/2009	Massa óssea é maior nas crianças brancas do que nas negras	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1307200902.htm
13/07/2009	20% das brasileiras têm enxaqueca, diz pesquisa	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1307200901.htm
10/07/2009	Estresse está relacionado ao aumento de peso, diz estudo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1007200903.htm
10/07/2009	Alimentação influencia no risco de tumor	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1007200902.htm
10/07/2009	Negro morre mais de câncer de mama, próstata e ovário	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1007200901.htm
09/07/2009	Quase 40% dos cânceres de rim são descobertos tarde	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0907200901.htm
08/07/2009	Metade dos adultos com colesterol alto não trata a doença	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0807200901.htm
07/07/2009	Número de sedentários cai 72% em SP entre 2002 e 2008	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0707200903.htm
07/07/2009	Reduzir estômago aumenta risco de fratura e de cálculo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0707200901.htm
06/07/2009	Pesquisa liga apneia a perda de massa óssea em homens	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0607200902.htm
06/07/2009	Açúcar é consumido em excesso	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0607200901.htm
05/07/2009	Perigo da propaganda de remédios	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0507200904.htm
04/07/2009	Pesquisa relaciona peso ao nascer e leucemia infantil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0407200903.htm
04/07/2009	Brasileiro não sabe que tem deficiência auditiva	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0407200901.htm

03/07/2009	Um em cada três paulistanos tem alto risco cardiovascular	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0307200903.htm
03/07/2009	Cirurgia inadequada não recupera 50% das mãos mutiladas	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0307200901.htm
02/07/2009	Musicoterapia melhora o humor e antecipa alta em hospital, sugere estudo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0207200902.htm
02/07/2009	Óleo de palma substitui gordura trans	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0207200901.htm
01/07/2009	Ejaculação diária eleva qualidade de esperma	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0107200903.htm
01/07/2009	Síndrome metabólica pode ter novo marcador	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0107200901.htm
31/08/2009	Problemas para dormir crescem em SP	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd3108200901.htm
27/08/2009	Glicemia alta também afeta o coração	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2708200902.htm
27/08/2009	Hipertensão na gravidez aumenta risco após parto	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2708200901.htm
25/08/2009	Suco com soja tem baixo teor de composto benéfico	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2508200901.htm
24/08/2009	Em SP, mais da metade dos idosos tem sobrepeso	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2408200903.htm
22/08/2009	Aumentam índices de câncer oral até os 40 anos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2208200904.htm
21/08/2009	78% dos hospitalizados não se alimentam corretamente	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2108200902.htm
21/08/2009	Exercício pode viciar amador e profissional	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2108200901.htm
20/08/2009	Novo tratamento de anemia rara eleva sobrevida em 90%	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2008200903.htm
20/08/2009	Exame detecta endometriose sem cirurgia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2008200901.htm

19/08/2009	Estudo mostrou que excitação muda atitudes	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1908200903.htm
19/08/2009	Dos brasileiros com vida sexual ativa, 13% já tiveram DST	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1908200902.htm
16/08/2009	Demênica e colesterol	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1608200902.htm
14/08/2009	Clínico diagnostica apenas 47% dos casos de depressão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1408200901.htm
13/08/2009	Aspirina reduz risco de morte em casos de câncer colorretal	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1308200901.htm
12/08/2009	Consumo de vinho diminui mortalidade	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1208200901.htm
11/08/2009	Estudo liga medo de altura a desequilíbrio	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1108200903.htm
10/08/2009	Manter ovário em câncer inicial não aumenta os riscos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1008200901.htm
08/08/2009	Mulheres de alto risco optam por cirurgia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0808200904.htm
08/08/2009	Hábitos familiares têm influência na obesidade dos filhos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0808200902.htm
08/08/2009	Novo estudo mostra efeito do ômega 3 após infarto	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0808200901.htm
07/08/2009	Recém-nascidos passam por procedimentos desnecessários	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0708200902.htm
06/08/2009	37% dos meninos de 2 a 6 anos estão com sobrepeso	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0608200904.htm
05/08/2009	Remédios podem aumentar risco de câncer em crianças	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0508200904.htm
05/08/2009	20% das crianças internadas perdem peso em sete dias	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0508200901.htm

04/08/2009	Tempo de amamentação dobra no Brasil	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0408200901.htm
03/08/2009	Mulheres têm maior redução de colesterol com exercícios	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0308200904.htm
03/08/2009	Suspensão de uso de estatinas aumenta risco após infarto	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0308200903.htm
01/08/2009	Chimarrão e chá-mate reduzem colesterol "ruim"	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0108200901.htm
30/09/2009	Demência é mais precoce em latino	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd3009200901.htm
29/09/2009	Pesquisa inédita no Brasil traça perfil dos pacientes	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2909200902.htm
29/09/2009	Peso sobe risco de tumor de endométrio em jovens	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2909200901.htm
28/09/2009	Sono de barriga para cima evita morte súbita do bebê	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2809200901.htm
26/09/2009	Depressão pode favorecer queda na densidade óssea	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2609200901.htm
25/09/2009	Exercício é melhor contra dor no ombro	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2509200901.htm
23/09/2009	Acne é maior queixa de pele de brasileiros com até 45 anos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2309200903.htm
23/09/2009	Em um ano, país tem queda de 7,9% em partos de adolescentes	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2309200902.htm
23/09/2009	Fluoxetina é mal usada em fórmulas para emagrecer	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2309200901.htm
22/09/2009	Barulhos de tráfego podem aumentar pressão arterial	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2209200903.htm
22/09/2009	Total de portadores de demência dobrará em 20 anos, diz estudo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2209200902.htm

22/09/2009	Cirurgia brasileira trata defeito em válvula cardíaca	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2209200901.htm
21/09/2009	Sinais simples do câncer colorretal são ignorados	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2109200901.htm
17/09/2009	Transplante pode curar anemia falciforme	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1709200901.htm
16/09/2009	Brasil deverá acompanhar bebês com malformação	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1609200904.htm
16/09/2009	Cloro usado em piscinas pode favorecer alergia respiratória	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1609200903.htm
16/09/2009	Fumo sobe risco de doença na perna	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1609200901.htm
15/09/2009	Chuveiros podem ter até cem vezes mais micróbios que a água	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1509200902.htm
15/09/2009	Depressão eleva risco de morte em doente com câncer	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1509200901.htm
14/09/2009	Exame do cérebro aponta melhor droga para tratar depressão	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1409200901.htm
12/09/2009	Nova diretriz liga esquistossomose e pressão pulmonar	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1209200902.htm
12/09/2009	Exercício físico pode ser superior à angioplastia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1209200901.htm
11/09/2009	Número de prematuros cresce 27% em dez anos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1109200901.htm
09/09/2009	Infecção prejudica memória em idoso com doença de Alzheimer	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0909200903.htm
09/09/2009	75% dos tumores de cabeça e pescoço são descobertos tarde	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0909200901.htm
08/09/2009	Aparelhos que medem pressão do olho estão descalibrados	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0809200902.htm

08/09/2009	Vírus está ligado ao câncer de próstata, sugere novo estudo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0809200901.htm
07/09/2009	Novo tipo de colesterol provoca mais risco cardíaco do que LDL	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0709200902.htm
07/09/2009	Idosas acreditam que não precisam de mamografia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0709200901.htm
05/09/2009	Filho de fumante tem mais cefaléia	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0509200901.htm
04/09/2009	Exercícios físicos deixam colesterol menos nocivo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0409200901.htm
03/09/2009	Depressão: doença será a mais comum do mundo em 2030	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0309200903.htm
02/09/2009	Exercício diminui pressão intraocular, afirma pesquisa	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0209200903.htm
02/09/2009	Hipertensão não controlada pode gerar déficit cognitivo	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0209200901.htm
01/09/2009	Incidência de tuberculose recua 27,6% em dez anos	http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0109200903.htm

ANEXO 1A

TEXTOS JORNALÍSTICOS SOBRE PESQUISA EM SAÚDE VEICULADOS NO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO DE 1º DE JULHO A 30 DE SETEMBRO DE 2009

DATA	TÍTULO	ENDEREÇO ELETRÔNICO
30/09/2009	Tratar diabetes durante a gravidez é benéfico, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,tratar-diabete-durante-a-gravidez-e-benefico-diz-estudo,443653,0.htm
30/09/2009	Parte das mortes por gripe suína é associada a segunda infecção	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,parte-das-mortes-por-gripe-suina-e-associada-a-segunda-infeccao,443574,0.htm
24/09/2009	Entenda a ação da vacina para reduzir risco de infecção por HIV	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-a-acao-da-vacina-para-reduzir-risco-de-infeccao-por-hiv,440272,0.htm
22/09/2009	EUA estudam imposto sobre consumo de refrigerante	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,eua-estudam-imposto-sobre-consumo-de-refrigerante,439057,0.htm
22/09/2009	Obesidade na infância pode antecipar doenças cardíacas	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,obesidade-na-infancia-pode-antecipar-doencas-cardiacas,439049,0.htm
22/09/2009	Leis antifumo reduziram ataques cardíacos em um terço	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,leis-antifumo-reduziram-ataques-cardiacos-em-um-terco,438990,0.htm
21/09/2009	Cientistas testam método para detectar gripe antes de sintomas	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-testam-metodo-para-detectar-gripe-antes-de-sintomas,438727,0.htm
21/09/2009	Pacientes em estado vegetativo podem aprender	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,pacientes-em-estado-vegetativo-podem-aprender,438706,0.htm
21/09/2009	Meninas bem instruídas têm risco maior de desordem alimentar	http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,meninas-bem-instruidas-tem-risco-maior-de-desordem-alimentar,438551,0.htm
21/09/2009	Alzheimer é 'subestimado', dizem cientistas britânicos	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,alzheimer-e-subestimado-dizem-cientistas-britanicos,438430,0.htm
17/09/2009	Estudo chinês liga falta de exercício ao câncer de	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,estudo-chines-liga-falta-de-exercicio-ao-cancer-de-mama,436425,0.htm

	mama	
16/09/2009	Terapia com mudança genética cura daltonismo em macacos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,terapia-com-mudanca-genetica-cura-daltonismo-em-macacos,436088,0.htm
16/09/2009	Aquecimento global pode ser desastroso para saúde	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,aquecimento-global-poder-desastroso-para-saude,435973,0.htm
15/09/2009	Cientistas associam nicotina a coceiras e irritações	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-associam-nicotina-a-coceiras-e-irritacoes,435386,0.htm
14/09/2009	Gripe A pode se espalhar por uma semana além dos sintomas	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,gripe-a-pode-se-espalhar-por-uma-semana-alem-dos-sintomas,434791,0.htm
14/09/2009	Chuveiros podem conter bactérias perigosas	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,chuveiros-podem-conter-bacterias-perigosas,434770,0.htm
14/09/2009	Vacina da gripe é eficaz com uma dose, indicam pesquisas	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,vacina-da-gripe-e-eficaz-com-uma-dose-indicam-pesquisas,434525,0.htm
14/09/2009	Cientistas identificam gene que controla combate a doenças	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cientistas-identificam-gene-que-controla-combate-a-doencas,434516,0.htm
14/09/2009	Depressão atrapalha sobrevivência após câncer, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,depressao-atrapalha-sobrevivencia-apos-cancer-diz-estudo,434487,0.htm
12/09/2009	Gripe suína muda hábitos de higiene em São Paulo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,gripe-suina-muda-habitos-de-higiene-em-sao-paulo,433865,0.htm
10/09/2009	Leitura de mentes pode beneficiar a sociedade, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,leitura-de-mentes-pode-beneficiar-a-sociedade-diz-estudo,432670,0.htm
10/09/2009	Uncef: Mortalidade infantil diminui, mas ainda é preciso mais	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,unicef-mortalidade-infantil-diminui-mas-ainda-e-preciso-mais,432500,0.htm
09/09/2009	Casos de eutanásia já somam 2% das mortes na Bélgica	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,casos-de-eutanasia-ja-somam-2-das-mortes-na-belgica,432117,0.htm
09/09/2009	Descoberta célula-tronco é associada ao câncer de próstata	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,descoberta-celula-tronco-e-associada-ao-cancer-de-prostata,432068,0.htm
09/09/2009	Compartilhar a cama faz mal para a saúde, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,compartilhar-a-cama-faz-mal-para-a-saude-diz-estudo,431820,0.htm

08/09/2009	Estudo detecta vírus que pode ser causa de câncer de próstata	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-detecta-virus-que-pode-ser-causa-de-cancer-de-prostata,431227,0.htm
08/09/2009	Infecção pode acelerar dano à memória em casos de Alzheimer	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,infeccao-pode-acelerar-dano-a-memoria-em-casos-de-alzheimer,431141,0.htm
04/09/2009	Coxa grande pode indicar risco menor de doenças cardíacas	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,coxa-grande-pode-indicar-risco-menor-de-doencas-cardiacas,429467,0.htm
03/09/2009	Estudo descobre possível rota para vacina contra a AIDS	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,estudo-descobre-possivel-rota-para-vacina-contra-a-aids,429158,0.htm
02/09/2009	Obesidade atinge 52% dos idosos de São Paulo, diz pesquisa	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,obesidade-atinge-52-dos-idosos-de-sao-paulo-diz-pesquisa,428499,0.htm
02/09/2009	Doenças crônicas atingem 3 em cada 4 idosos, afirma IBGE	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,doencas-cronicas-atingem-3-em-cada-4-idosos-afirma-ibge,428497,0.htm
02/09/2009	Estudo minimiza poder de mutação do vírus da gripe suína	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-minimiza-poder-de-mutacao-do-virus-da-gripe-suina,428459,0.htm
31/08/2009	Médicos belgas inventam berço que evita regurgitação em bebês	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,medicos-belgas-inventam-berco-que-evita-regurgitacao-em-bebes,427228,0.htm
28/08/2009	Vírus da gripe suína já é dominante no mundo, diz OMS	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,virus-da-gripe-suina-ja-e-dominante-no-mundo-diz-oms,426276,0.htm
27/08/2009	Dois terços dos americanos querem tomar vacina antigripe	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,dois-tercos-dos-americanos-querem-tomar-vacina-antigripe,425730,0.htm
26/08/2009	Metade dos mortos pelo H1N1 tinha outra doença, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,metade-dos-mortos-pelo-h1n1-tinha-outra-doenca-diz-estudo,425141,0.htm
26/08/2009	Cientistas conseguem sucesso em transplante de DNA de óvulos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-conseguem-sucesso-em-transplante-de-dna-de-ovulos,425002,0.htm
25/08/2009	Circuncisão não protege gays contra AIDS, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,circuncisao-nao-protege-gays-contra-aids-diz-estudo,424521,0.htm
25/08/2009	Tabaco deve matar 6	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,tabaco-deve-matar-6

	milhões de pessoas em 2010, diz estudo	milhoes-de-pessoas-em-2010-diz-estudo,424483,0.htm
25/08/2009	Cérebro prevê o que o olho em movimento verá, indica estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cerebro-preve-o-que-o-olho-em-movimento-vera-indica-estudo,424444,0.htm
25/08/2009	Casados têm mais chances de sobreviver a câncer, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,casados-tem-mais-chances-de-sobreviver-a-cancer-diz-estudo,424198,0.htm
24/08/2009	Narguilé pode ser 450 vezes mais perigoso do que o cigarro, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,narguile-pode-ser-450-vezes-mais-perigoso-do-que-o-cigarro-diz-estudo,423993,0.htm
24/08/2009	Fazer muitas coisas ao mesmo tempo pode atrapalhar o cérebro	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,fazer-muitas-coisas-ao-mesmo-tempo-pode-atrapalhar-o-cerebro,423965,0.htm
24/08/2009	Mulheres com testosterona alta aceitam mais riscos, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,mulheres-com-testosterona-alta-aceitam-mais-riscos-diz-estudo,423950,0.htm
21/08/2009	Um terço dos brasileiros acha gripe mais perigosa que meningite	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,um-terco-dos-brasileiros-acha-gripe-mais-perigosa-que-meningite,422637,0.htm
21/08/2009	Adultos fãs de videogame são tristes e gordos, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,adultos-fas-de-videogame-sao-tristes-e-gordos-diz-estudo,422582,0.htm
21/08/2009	Transplante de genoma é 'passo' rumo à vida sintética	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,transplante-de-genoma-e-passo-rumo-a-vida-sintetica,422417,0.htm
20/08/2009	Vacinação de crianças pode ser melhor contra a gripe	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,vacinacao-de-criancas-pode-ser-melhor-contr-a-gripe,422133,0.htm
20/08/2009	Pessoas perdidas realmente andam em círculos, mostra estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,pessoas-perdidas-realmente-andam-em-circulos-mostra-estudo,422047,0.htm
19/08/2009	Estudo chinês documenta mortes por nanotecnologia	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,estudo-chines-documenta-mortes-por-nanotecnologia,421451,0.htm
19/08/2009	Cientistas acham gene que faz macacos consumirem mais álcool	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cientistas-acham-gene-que-faz-macacos-consumirem-mais-alcool,421155,0.htm
19/08/2009	Pipoca pode ajudar a evitar câncer, dizem	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pipoca-pode-ajudar-a-evitar-cancer-dizem-cientistas,421150,0.htm

	cientistas	
18/08/2009	Pesquisador diz ter meio para diagnosticar vírus em 5 minutos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,pesquisador-diz-ter-meio-para-diagnosticar-virus-em-5-minutos,420825,0.htm
17/08/2009	Estudo vê aumento de 'bebedeira' entre adultos mais velhos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,estudo-ve-aumento-de-bebedeira-entre-adultos-mais-velhos,420318,0.htm
17/08/2009	Fecundidade volta a crescer em países muito desenvolvidos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,fecundidade-volta-a-crescer-em-paises-muito-desenvolvidos,420110,0.htm
14/08/2009	Cientistas descobrem gene raro que permite dormir pouco	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-descobrem-gene-raro-que-permite-dormir-pouco,418896,0.htm
14/08/2009	Antibiótico veterinário mata células-tronco cancerosas em ratos, segundo estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,antibiotico-veterinario-mata-celulas-tronco-cancerosas-em-ratos-segundo-estudo,418751,0.htm
13/08/2009	Cientistas acham variante do cromossomo X que atrasa a Aids	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-acham-variante-do-cromossomo-x-que-atrasa-a-aids,418261,0.htm
11/08/2009	Cientistas usam veneno de abelha para combater câncer	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-usam-veneno-de-abelha-para-combater-cancer,417172,0.htm
11/08/2009	Mulheres otimistas 'vivem mais', diz estudo americano	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,mulheres-otimistas-vivem-mais-diz-estudo-americano,416925,0.htm
10/08/2009	Pesquisa diz que 73% dos britânicos não têm energia para sexo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-diz-que-73-dos-britanicos-nao-tem-energia-para-sexo,416583,0.htm
10/08/2009	Antivirais para gripe podem não agir em crianças, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,antivirais-para-gripe-podem-nao-agir-em-criancas-diz-estudo,416380,0.htm
10/08/2009	Estudo vincula simetria facial e saúde mental em homens	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-vincula-simetria-facial-e-saude-mental-em-homens,416361,0.htm
10/08/2009	Novo teste pré-natal determina se feto tem síndrome de Down	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,novo-teste-pre-natal-determina-se-feto-tem-sindrome-de-down,416307,0.htm

07/08/2009	Cientistas encontram células responsáveis pela coceira	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-encontram-celulas-responsaveis-pela-coceira,415216,0.htm
07/08/2009	Suco de beterraba aumenta a resistência física, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,suco-de-beterraba-aumenta-a-resistencia-fisica-diz-estudo,414983,0.htm
06/08/2009	Cientistas dizem ter achado 'assinatura' de vírus comuns	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-dizem-ter-achado-assinatura-de-virus-comuns,414685,0.htm
05/08/2009	Milhares desenvolveram asma depois de 11 de setembro, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,milhares-desenvolveram-asma-depois-de-11-de-setembro-diz-estudo,414220,0.htm
04/08/2009	Cientistas evitam transmissão hereditária de epilepsia em ratos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-evitam-transmissao-hereditaria-de-epilepsia-em-ratos,413343,0.htm
03/08/2009	Descoberta molécula que ativa destruição do câncer de pele	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,descoberta-molecula-que-ativa-destruicao-do-cancer-de-pele,412937,0.htm
03/08/2009	Cientistas traçam a origem da malária até os chimpanzés	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-tracam-a-origem-da-malaria-ate-os-chimpanzes,412930,0.htm
03/08/2009	Estudo detecta depressão em crianças a partir dos 3 anos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,estudo-detecta-depressao-em-criancas-a-partir-dos-3-anos,412914,0.htm
02/08/2009	Descoberta na África nova variedade do vírus da Aids	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,descoberta-na-africa-nova-variedade-do-virus-da-aids,412475,0.htm
31/07/2009	OMS: gripe A aumenta risco de morte fetal e aborto espontâneo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,oms-gripe-a-aumenta-risco-de-morte-fetal-e-aborto-espontaneo,411597,0.htm
31/07/2009	Tamiflu provoca efeitos colaterais em crianças, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,tamiflu-provoca-efeitos-colaterais-em-criancas-diz-estudo,411453,0.htm
30/07/2009	Evolução faz homens e mulheres enxergarem diferente	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,evolucao-faz-homens-e-mulheres-enxergarem-diferente,411053,0.htm
29/07/2009	Vírus H1N1 atinge gestantes com mais severidade, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,virus-h1n1-atinge-gestantes-com-mais-severidade-diz-estudo,410391,0.htm
29/07/2009	Cientistas descobrem porque balançamos os	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-descobrem-porque-balançamos-os-bracos-ao-caminhar,410361,0.htm

	braços ao caminhar	
28/07/2009	OMS passa a considerar cama de bronzamento cancerígena	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,oms-passa-a-considerar-cama-de-bronzamento-cancerigena,409886,0.htm
28/07/2009	Corante trata dano na medula, mas tingem 'paciente' de azul	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,corante-trata-dano-na-medula-mas-tinge-paciente-de-azul,409685,0.htm
28/07/2009	Consumo de laticínios na infância pode prolongar a vida	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,consumo-de-laticinios-na-infancia-pode-prolongar-a-vida,409533,0.htm
27/07/2009	Vinho tinto aumenta libido feminina, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,vinho-tinto-aumenta-libido-feminina-diz-estudo,408901,0.htm
23/07/2009	Especialistas chineses desenvolvem ratos com células da pele	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,especialistas-chineses-desenvolvem-ratos-com-celulas-da-pele,407282,0.htm
23/07/2009	Reprogramação de células da pele cria embriões de ratos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,reprogramacao-de-celulas-da-pele-cria-embrioes-de-ratos,407262,0.htm
22/07/2009	Cientistas descobrem o 'elo perdido' do vírus da Aids	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cientistas-descobrem-o-elo-perdido-do-virus-da-aids,406667,0.htm
16/07/2009	Tratamento de distrofia muscular funciona em camundongos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,tratamento-de-distrofia-muscular-funciona-em-camundongos,403824,0.htm
16/07/2009	Estudo revela genoma do verme causador da esquistossomose	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-revela-genoma-do-verme-causador-da-esquistossomose,403605,0.htm
15/07/2009	Mortalidade da gripe suína é 'impossível de prever', diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,mortalidade-da-gripe-suina-e-impossivel-de-prever-diz-estudo,403078,0.htm
14/07/2009	Mulheres são menos resistentes ao HIV, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,mulheres-sao-menos-resistentes-ao-hiv-diz-estudo,402611,0.htm
13/07/2009	Gripe suína é mais prejudicial ao sistema respiratório que a comum, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,gripe-suina-e-mais-prejudicial-ao-sistema-respiratorio-que-a-comum-diz-estudo,402205,0.htm
13/07/2009	Vírus H1N1 tem características da gripe de 1918, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,virus-h1n1-tem-caracteristicas-da-gripe-de-1918-diz-estudo,402039,0.htm

13/07/2009	Transfusão ainda é risco para contrair Aids, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,transfusao-ainda-e-risco-para-contrair-aids-diz-estudo,401893,0.htm
09/07/2009	Dieta de baixa caloria prolonga a vida e a saúde de macacos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,dieta-de-baixa-caloria-prolonga-a-vida-e-a-saude-de-macacos,400369,0.htm
09/07/2009	Pela primeira vez, vírus do Ebola é encontrado em porcos	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,pela-primeira-vez-virus-do-ebola-e-encontrado-em-porcos,400349,0.htm
08/07/2009	Droga usada contra rejeição de órgão faz rato viver mais	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,droga-usada-contra-rejeicao-de-orgao-faz-rato-viver-mais,399777,0.htm
08/07/2009	Cientistas afirmam ter criado espermatozoides em laboratório	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cientistas-afirmam-ter-criado-espermatozoides-em-laboratorio,399417,0.htm
06/07/2009	Cafeína reverte perda de memória em ratos com Alzheimer	http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cafeina-reverte-perda-de-memoria-em-ratos-com-alzheimer,398685,0.htm
02/07/2009	Gripe suína é 'ineficiente' contra humanos, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,gripe-suina-e-ineficiente-contra-humanos-diz-estudo,396885,0.htm
01/07/2009	Vacina BCG pode matar bebês soropositivos, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,vacina-bcg-pode-matar-bebes-soropositivos-diz-estudo,396271,0.htm
01/07/2009	Vinho pode minimizar efeito de radioterapia, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,vinho-pode-minimizar-efeito-de-radioterapia-diz-estudo,396183,0.htm
01/07/2009	Vegetarianos têm menor risco de sofrer de câncer, diz estudo	http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,vegetarianos-tem-menor-risco-de-sofrer-de-cancer-diz-estudo,396112,0.htm

ANEXO 2

TEXTOS JORNALÍSTICOS EXTRAÍDOS DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO, UTILIZADOS PARA ILUSTRAR A ANÁLISE REALIZADA

Folha de S. Paulo

31 de julho de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd3107200903.htm>

Periodontite diminui colesterol "bom" e aumenta triglicerídeos

Sangramento na gengiva é sintoma de problema; pesquisa foi feita no Brasil

FERNANDA BASSETTE
DA REPORTAGEM LOCAL

Uma pesquisa brasileira publicada no "*Journal of Periodontology*" revela que a periodontite (inflamação dos tecidos moles em torno dos dentes, como a gengiva) aumenta em até quatro vezes o risco de a pessoa ter níveis de triglicerídeos no sangue maior do que o tolerado e também diminui os níveis de HDL, conhecido como colesterol "bom" -o que aumenta o risco de desenvolver aterosclerose (formação de placas nas paredes das artérias). De acordo com a autora do estudo, a dentista Andréa Moreira Monteiro, da USP, a doença periodontal é associada a outras doenças sistêmicas (como o diabetes e riscos de partos de prematuros) e, por isso, o objetivo desse estudo era descobrir se ela também poderia estar relacionada ao aumento do risco de doença cardiovascular.

Ao todo, 80 pacientes participaram da pesquisa, que transcorreu durante um ano: 40 estavam com a periodontite instalada e outros 40 não tinham o problema (grupo controle). Todos tiveram o sangue colhido e passaram por um hemograma completo, que avaliou os níveis de colesterol total, triglicerídeos, LDL (colesterol "ruim") e HDL (colesterol "bom"). Eles também passaram pela técnica "Varredura-Z", que faz a dosagem da quantidade de LDL modificado (oxidado) no sangue.

"As análises apontam que os pacientes com periodontite crônica têm níveis elevados de LDL oxidado no sangue em comparação com as pessoas saudáveis. Essa oxidação é a causa da doença aterosclerótica", explica Monteiro.

A pesquisadora acrescentou que os resultados confirmaram que a inflamação provocada pelas bactérias na gengiva potencializa o processo de oxidação do LDL e aumenta os riscos da doença cardiovascular.

A doença

A periodontite é uma inflamação crônica e tem como causa mais frequente o acúmulo de bactérias no esmalte dentário e na gengiva. O principal sinal da doença é o sangramento. Com o passar do tempo e sem que a pessoa sinta dor, as fibras e os tecidos que suportam os dentes são comprometidos pela inflamação. Na ausência de tratamento adequado, há risco de perda dentária.

Os 40 pacientes com periodontite foram tratados e tiveram o sangue colhido novamente, um ano depois dos primeiros resultados do estudo. Segundo Monteiro, os níveis de triglicerídeos diminuíram, mas o HDL não aumentou.

"Com esses resultados, a gente espera que a população se conscientize da importância de manter a saúde bucal em dia e de fazer o tratamento adequado. O sangramento da gengiva é o primeiro sinal de que alguma coisa está errada", diz.

Folha de S. Paulo

27 de julho de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2707200901.htm>

Só 25% dos oncologistas orientam sobre fertilidade

Maioria dos médicos não informa que quimioterapia pode gerar infertilidade

CLÁUDIA COLLUCCI
DA REPORTAGEM LOCAL

Tratamentos de câncer podem deixar homens e mulheres inférteis, mas apenas 25% dos oncologistas orientam seus pacientes jovens sobre o risco ou os encaminham a especialistas em reprodução, conclui uma pesquisa com 613 oncologistas americanos publicada no "*Journal of Clinical Oncology*".

A constatação levou a Asco (sociedade americana de oncologia clínica) a elaborar um novo guia com orientações sobre a preservação da fertilidade de pacientes com câncer (leia quadro nesta página).

Alguns tipos de droga quimioterápica, especialmente os usados no tratamento de linfomas, de leucemias e de câncer de mama, causam taxas de infertilidade que variam de 50% (mulheres) a 70% (homens).

O problema ocorre porque os remédios usados para matar as células cancerosas podem destruir também as células germinativas (que dão origem aos óvulos e aos espermatozoides).

No estudo, as principais dificuldades relatadas pelos médicos foram a conciliação entre a necessidade do início rápido da quimioterapia e o encaminhamento ao especialista em reprodução e as eventuais providências e custos desse encaminhamento -nem nos EUA nem no Brasil há cobertura dos planos de saúde para o congelamento de gametas.

Segundo o oncologista Paulo Hoff, diretor-executivo do Centro de Oncologia do Hospital Sírio-Libanês, hoje há uma série de manobras das quais o médico pode lançar mão para preservar a fertilidade da mulher ou do homem, embora ele reconheça que isso só seja aplicado em centros de referência.

"A gente pode propor uma menopausa [interromper a menstruação com drogas, preservando os ovários] antes do tratamento. Mas, se o caso é um câncer de retroperitônio [atrás da cavidade abdominal] no homem, cujo tratamento pode deixá-lo sem ejaculação, tem que guardar o sêmen antes."

Raridade

Essa atitude, porém, ainda é uma raridade no país, avalia o urologista Edson Borges Júnior, especialista em reprodução assistida. Ele estima que menos de 10% dos oncologistas brasileiros manifestam a preocupação com a preservação da fertilidade dos seus pacientes.

"Ontem mesmo atendi um jovem de 28 anos que teve câncer de testículo e tinha feito quatro sessões de quimioterapia quando foi encaminhado [para a clínica de reprodução] para congelamento [do sêmen]. Já estava azoospérmico [não produz mais espermatozoides]. É alarmante."

Na avaliação de Borges Júnior, não há mais justificativa para os oncologistas agirem dessa

forma. "Para congelar o sêmen, você precisa de três dias para fazer duas ou três coletas. É muito rápido. Não tem nenhum tratamento médico que vá mudar em três, quatro dias."

O ginecologista Artur Dzik, diretor do serviço de reprodução do Hospital Pérola Byington, concorda. Ele explica que tanto as técnicas cirúrgicas como as de congelamento de óvulos, de esperma e de embriões evoluíram muito e que os pacientes oncológicos deveriam ser orientados sobre isso.

O ginecologista Eduardo Motta, professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), explica que hoje há esquemas mais rápidos que favorecem o processo de estimulação ovariana. "Antes, era preciso esperar a próxima menstruação, o que levava de um a dois meses e poderia atrasar o início do tratamento oncológico. Hoje, é possível fazer o bloqueio [do ciclo] em três dias e iniciar a estimulação [que demora em média 12 dias]."

O problema ainda tem sido a garantia de que os óvulos congelados irão resultar em gravidez. Se hoje as técnicas de criopreservação garantem taxas de 90% de preservação dos óvulos após o descongelamento, as taxas de gravidez ainda são pequenas. "São necessários ao menos 15 óvulos para uma gravidez viável", diz Motta.

Para Paulo Hoff, à medida que os tratamentos oncológicos têm mais sucesso, aumentando as taxas de cura, as expectativas de qualidade de vida crescem na mesma proporção.

"Quando tínhamos a ideia de que o câncer era uma sentença de morte, qualquer tratamento que curasse a doença já era abraçado rapidamente. Agora, com chances de cura mais substanciais, as pessoas jovens querem saber se vão poder ter filhos. Esse é um questionamento cada vez mais comum no consultório."

Ele conta o caso de uma paciente com tumor uterino. "A preocupação maior dela não era nem se iria se curar, mas se perderia o útero. Felizmente, conseguimos preservá-lo."

Folha de S. Paulo

13 de julho de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1307200902.htm>

Massa óssea é maior nas crianças brancas do que nas negras

Fatores ambientais, e não genéticos, respondem pela diferença encontrada entre brancos e negros

GABRIELA CUPANI

DA REPORTAGEM LOCAL

Uma pesquisa feita na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) revelou que, ao contrário do que sugerem outros dados de literatura médica, as crianças brancas apresentam maior massa óssea do que as negras. Os autores avaliaram 1.356 estudantes com idade entre seis e 11 anos.

O estudo foi feito em duas cidades do oeste paranaense com características de ocupação diferentes: Céu Azul, onde houve forte imigração de descendentes de alemães e italianos, e Vera Cruz do Oeste, que recebeu mais negros e descendentes de escravos. As duas populações têm pouca miscigenação, o que permitiu avaliar aspectos socioeconômicos e raciais.

Qualidade e quantidade

Para chegar aos resultados, os pesquisadores usaram exames de ultrassonografia das falanges, técnica relativamente recente, além de avaliar dados como peso, estatura e índice de massa corporal das crianças.

"Esse método avalia quantidade e qualidade da massa óssea", diz o professor de educação física Roberto Régis Ribeiro, autor do estudo. Segundo ele, os resultados vão ajudar a construir curvas de normalidade de crescimento ósseo mais compatíveis com a realidade brasileira -atualmente as curvas usadas como referência são as europeias.

Segundo Ribeiro, as diferenças encontradas entre crianças negras e brancas se devem provavelmente a fatores ambientais, e não genéticos. "O nível socioeconômico foi mais baixo nas famílias negras, o que pode levar à falta de alimentação adequada", diz. Em comparação com as crianças europeias, a quantidade de massa óssea das brasileiras foi inferior à das polonesas e similar à das italianas.

Esse tipo de estudo é uma forma de monitorar o crescimento e o estado nutricional das crianças, diz o autor. Com os resultados, é possível detectar a ausência de nutrientes essenciais e combater o surgimento da osteoporose.

"A partir dos valores de referência, é possível implantar medidas de prevenção, como alimentação adequada e atividade física, para que a pessoa atinja todo o seu potencial de massa óssea", diz ele. A prevenção da osteoporose depende da massa óssea adquirida na infância e na juventude.

Folha de S. Paulo

27 de agosto de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2708200902.htm>

Glicemia alta também afeta o coração

RACHEL BOTELHO

DA REPORTAGEM LOCAL

As mulheres que têm um exame de glicose alterado durante a gravidez, mesmo que não desenvolvam o diabetes gestacional, possuem 19% mais risco de ter doenças cardiovasculares no futuro em comparação com o grupo controle. O risco das que têm diabetes gestacional -já conhecido- foi 66% superior. Os resultados são de um estudo publicado no "*Canadian Medical Association Journal*", que acompanhou 435 mil mulheres durante 12 anos, "Entre os pacientes situados dentro da faixa de normalidade do exame, quanto mais alto o nível atingido, maior o risco cardiovascular", diz Augusto Pimazoni Neto, coordenador do Grupo de Educação e Controle do Diabetes do hospital Oswaldo Cruz.

Para Carlos Negrato, diretor do Departamento de Diabetes Gestacional da Sociedade Brasileira de Diabetes, o exame de glicose, pouco sensível, leva ao subdiagnóstico da doença. "As gestantes com exames alterados devem fazer dieta e exercícios antes de passar por uma reavaliação. Conforme a gestação progride, cresce a resistência à insulina e o risco de ficar diabética."

Folha de S. Paulo

21 de agosto de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd2108200902.htm>

78% dos hospitalizados não se alimentam corretamente

RACHEL BOTELHO

DA REPORTAGEM LOCAL

Dados preliminares de um estudo inédito, realizado em 25 hospitais públicos e privados de dez Estados brasileiros, revela que 78% dos pacientes internados não se alimentam corretamente.

O número refere-se a duas instituições do Rio Grande do Sul e duas do Rio de Janeiro, totalizando 104 pacientes. O resultado final será divulgado em novembro.

Sabor que não agrada, perda do horário da refeição devido à realização de exames e falta de apetite foram os principais motivos alegados.

Segundo José Spolidoro, presidente da Sociedade Brasileira de Nutrição Parenteral e Enteral, que coordenou o estudo, metade de todos os pacientes não tinha em seu prontuário médico uma avaliação de risco nutricional. "Entre os que tinham essa informação, metade estava com o risco nutricional aumentado", afirma.

Uma alimentação adequada é importante porque, na sua ausência, o paciente pode apresentar desnutrição, piorando o quadro geral e dificultando a recuperação da doença de base.

Folha de S. Paulo

14 de julho de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1407200901.htm>

Viagem longa aumenta risco de trombose venosa

Riscos de o problema ocorrer crescem 26% a cada duas horas de voo, diz estudo

Estima-se que haja um caso de trombose a cada 4.600 voos; beber líquidos, evitar álcool, usar meias e caminhar podem ajudar

JULLIANE SILVEIRA
DA REPORTAGEM LOCAL

Viagens longas aumentam em até três vezes o risco de tromboembolismo venoso, condição que pode envolver trombose venosa profunda e embolia pulmonar. É o que aponta uma revisão científica de 14 estudos, que considerou 4.055 casos, publicada no "*Annals of Internal Medicine*" por pesquisadores da Escola de Saúde Pública de Harvard.

A cada duas horas de viagem por meio terrestre, como ônibus ou trem, os riscos aumentam 18%. Já durante um voo, as chances de o problema ocorrer crescem 26% a cada duas horas. Segundo o trabalho, estima-se que haja um caso de trombose durante uma viagem a cada 4.600 voos.

Os principais aeroportos brasileiros registram cerca de 2.000 voos regulares por dia, segundo a Infraero. "Esse risco absoluto é relevante para guiar decisões públicas e individuais sobre prevenção", dizem os autores do levantamento.

A trombose venosa profunda, prevalente em 3% da população brasileira, ocorre quando um coágulo (também chamado de trombo) obstrui uma veia profunda e impede ou dificulta parcialmente a passagem de sangue na região.

A curto prazo, o trombo pode se deslocar e chegar ao pulmão, obstruindo uma artéria na região -quadro chamado de embolia pulmonar. Já a longo prazo, podem ocorrer complicações decorrentes da dificuldade do retorno venoso, causando inchaços no local e até mesmo úlceras, quando o problema não é tratado de forma correta.

"O custo social é muito grande", diz José Luís Nascimento Silva, presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia e de Cirurgia Vascular.

O principal fator desencadeante de uma trombose venosa profunda é a imobilidade prolongada, favorecida em uma viagem longa. "A pessoa fica muito tempo na mesma posição, com as pernas para baixo, dificultando o retorno venoso [do sangue], o que é claramente demonstrado em estudos", afirma Antônio Carlos Chagas, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Os riscos são menores em uma viagem por terra porque os passageiros geralmente fazem paradas regulares para caminhar. Já em um avião, somam-se o fato de as pessoas permanecerem por mais tempo sentadas (grande parte em assentos apertados da classe econômica), a pressurização e a refrigeração da cabine.

"As pessoas se desidratam com mais facilidade e não bebem líquidos o suficiente. Grosso modo, o sangue fica mais viscoso [favorecendo a formação de coágulos]", explica Silva. Além disso, o consumo de álcool é mais comum, e isso facilita a desidratação.

Os principais sintomas da trombose venosa profunda são dor e inchaço bastante significativos na perna e endurecimento da panturrilha.

Grupos de risco

A população em geral deve cumprir as recomendações básicas para evitar riscos, principalmente se viaja em classe econômica, onde as poltronas são pequenas e dificultam ainda mais a movimentação.

Indica-se beber bastante líquido durante a viagem, evitar o consumo de álcool, usar meias elásticas de compressão para facilitar a circulação sanguínea, procurar caminhar a cada duas horas e, por esse motivo, não ingerir remédios para dormir. No caso de viagens terrestres longas, deve-se programar paradas regulares ou aproveitar as paradas periódicas dos ônibus para andar.

Já passageiros com histórico próprio ou familiar de trombose, arritmias cardíacas ou câncer, que fumem e usem hormônios ou que passaram por cirurgia recente, entre outros (veja infográfico nesta página), devem consultar um especialista antes de viajar.

"Pode-se avaliar particularmente o caso e tomar a decisão de usar alguma medicação preventiva, como os antiagregantes plaquetários, como a aspirina, ou mesmo uma profilaxia com um tipo de anticoagulante, indicação mais rara", diz Silva.

O ar mais rarefeito e a pressão atmosférica menor da aeronave podem ainda causar desconforto em pacientes com doenças respiratórias crônicas.

Por isso, quem sofre de asma ou passa por uma crise aguda de sinusite, por exemplo, deve tratar os sintomas antes de embarcar para não sentir dor ou falta de ar, diz o pneumologista José Eduardo Cançado, presidente da Sociedade Paulista de Pneumologia e Tisiologia.

Folha de S. Paulo

3 de setembro de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0309200903.htm>

Depressão: doença será a mais comum do mundo em 2030

DA REPORTAGEM LOCAL

Nos próximos 20 anos, a depressão deve se tornar a doença mais comum do mundo, superando câncer e doenças cardíacas. A estimativa foi divulgada ontem pela OMS (Organização Mundial da Saúde) durante a 1ª Cúpula Global de Saúde Mental, realizada em Atenas, na Grécia.

De acordo com o órgão, os países em desenvolvimento são os que mais devem sofrer com o problema, pois têm a maioria dos casos registrados. Pessoas pobres que vivem em países ricos também têm mais depressão.

"A depressão tem diversas causas, algumas delas biológicas, mas parte delas vem de pressões ambientais e, obviamente, as pessoas pobres sofrem mais estresse em seu dia a dia do que as ricas", disse o médico Shekhar Saxena, do Departamento de Saúde Mental da OMS.

Hoje mais de 450 milhões de pessoas são afetadas diretamente por transtornos mentais.

"Nós poderíamos chamar isso de uma epidemia silenciosa, porque a depressão está sendo cada vez mais diagnosticada, está em toda parte e deve aumentar em termos de proporção, enquanto a ocorrência de outras doenças está diminuindo", afirmou Saxena.

Folha de S. Paulo

13 de agosto de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd1308200901.htm>

Aspirina reduz risco de morte em casos de câncer colorretal

Estudo com 1.279 pacientes mostra que a associação da droga ao tratamento convencional diminuiu em 30% a mortalidade

A hipótese é que o remédio iniba uma enzima presente em dois terços dos tumores; pesquisas mais amplas são necessárias, dizem médicos

CLÁUDIA COLLUCCI
DA REPORTAGEM LOCAL

O uso regular de aspirina pode reduzir o risco de morte em pacientes com câncer colorretal, revela estudo inédito publicado ontem no "Jama" (revista da Associação Médica Americana). No Brasil, esse tumor é o terceiro (em mulheres) e o quarto (em homens) de maior incidência, segundo o Inca (Instituto Nacional de Câncer).

Pesquisas anteriores já haviam apontado que a aspirina também diminui o risco de adenoma colorretal (tumor benigno), mas é a primeira vez que se demonstra o impacto na sobrevivência de pacientes com o câncer.

Além de analgésicos, os componentes da aspirina (ácido acetilsalicílico) têm efeitos anti-inflamatórios e anticoagulantes. No câncer, a hipótese é que a droga iniba uma enzima (COX-2) presente em dois terços dos tumores colorretais.

O estudo americano acompanhou 1.279 pessoas com câncer colorretal sem metástases (estágios 1, 2 e 3), que passaram por tratamentos convencionais (cirurgia e radioterapia associada ou não à quimioterapia).

Em 11 anos de seguimento, os pacientes que tomaram regularmente a aspirina como droga coadjuvante tiveram 30% menos risco de morrer em comparação aos doentes que não usaram o medicamento. Os benefícios foram maiores em doentes cujo tumor tinha a expressão enzimática COX-2.

"Os resultados sugerem que a aspirina pode influir na biologia dos tumores colorretais, além de prevenir sua aparição", disse o oncologista Andrew Chan, da unidade gastrointestinal do Massachusetts General Hospital (EUA), um dos líderes do estudo. No entanto, o pesquisador ressalta que é preciso mais pesquisa sobre os efeitos da aspirina no câncer, incluindo testes com placebos.

O oncologista Auro Del Giglio, coordenador de oncologia do hospital Albert Einstein, explica que há mais de dez anos existem evidências de que pacientes portadores de polipose intestinal, doença que frequentemente evolui para o câncer colorretal, têm uma diminuição do número de pólipos após o tratamento com aspirina.

Segundo Del Giglio, a enzima COX-2, presente no tumor, tem um papel importante no processo de divisão celular e é provável que a aspirina iniba essa ação - o que explicaria a diminuição na taxa de mortalidade apontada pelo estudo.

Na opinião de Samuel Aguiar Júnior, cirurgião oncológico do Hospital A.C. Camargo, é preciso investigar melhor como a aspirina age na redução da metástase do tumor e se há relação com processo de coagulação e agregação de plaquetas.

"Há muito mais coisas envolvidas do que a simples inibição da [enzima] COX-2. É preciso investigar essa complexa interferência das vias envolvidas nos processos de inflamação e de controle da metástase", diz ele.

Para Del Giglio, é possível que a aspirina, barata e de um perfil de toxicidade conhecido, converta-se em uma nova droga-alvo direcionada para câncer colorretal. "E por uma mínima fração do custo das atuais drogas-alvo direcionadas."

O oncologista Paulo Hoff, diretor-executivo do Centro de Oncologia do Hospital Sírio-Libanês, afirma que o estudo é muito importante por ser o primeiro a demonstrar que o uso dos anti-inflamatórios não esteroides pode reduzir a chance de recorrência do tumor.

"O único problema é que não é uma terapia totalmente sem riscos. Quando se toma aspirina regularmente, há chances de úlcera e de sangramentos, por exemplo. Agora, se o paciente já tem indicação para tomar esse remédio, na prevenção de doença coronariana, por exemplo, é um benefício extra."

Os oncologistas, porém, avaliam que, como as conclusões do estudo são retrospectivas (observacionais), é necessário confirmar os dados com estudos randomizados, duplo-cegos e controlados por placebo. "A pergunta é: quem vai financiar um estudo confirmatório de uma droga tão barata?", questiona Del Giglio.

Folha de S. Paulo

1º de setembro de 2009

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saude/sd0109200903.htm>

Incidência de tuberculose recua 27,6% em dez anos

Para especialista da Fiocruz, queda é abaixo do desejável

ITALO NOGUEIRA

DA SUCURSAL DO RIO

O Brasil teve uma queda de 27,6% na taxa de incidência de novos casos de tuberculose, de acordo com dados divulgados ontem pelo Ministério da Saúde. Foram 37,1 registros por 100 mil habitantes no ano passado, contra 55,4 em 1999.

Para melhorar o rendimento do programa de combate à tuberculose, o governo importou da Índia comprimidos com quatro fármacos. O objetivo, além de reduzir a reação ao remédio, é melhorar o tratamento e diminuir a taxa de abandono -atualmente em 8%.

A queda, no entanto, não foi satisfatória, avalia Margareth Dalcolmo, diretora do Centro de Referência Hélio Fraga, da Fiocruz, e membro do Comitê Assessor em Tuberculose do ministério. Segundo ela, estudos apontam que o "desejável" é uma queda de 4% a 5% anuais -a média foi de 2,7% ao ano.

Ela afirma que o país tem um programa considerado modelo no mundo, mas tem falhas na qualidade no atendimento. E aponta como principais problemas demora no diagnóstico da doença e falta de continuidade do tratamento (de seis meses), além das condições sociais em que vivem os pacientes.

O coordenador do Programa Nacional de Controle da Tuberculose, Draurio Barreira, considerou a redução na década "satisfatória, não excepcional". Para ele, os principais problemas são a dificuldade em descentralizar o atendimento por causa da baixa cobertura do Programa de Saúde da Família em algumas cidades e a taxa de abandono do tratamento. O paciente sendo tratado sente uma melhora em menos de um mês, mas só fica totalmente curado após seis meses. Como pode ocorrer reação ao remédio, costuma haver abandono sem que a cura seja total.

O ministério ampliou, nos últimos dez anos, o tratamento supervisionado -em que o agente de saúde vê o paciente tomando o remédio- de 3,5% para 39,4% dos doentes.

Barreira diz que o governo estuda oferecer benefício semelhante ao Bolsa Família para manter os pacientes no tratamento. "Cerca de 80% das cidades oferecem benefício, mas a maioria é vale-transporte ou lanche, o que não é suficiente."

O Estado com a maior taxa de infecção no país é o Amazonas, seguido do Rio de Janeiro, que possui a maior taxa de mortes no país. A gerente do programa de pneumologia sanitária do Rio, Lísia Maria Freitas, afirma que o Estado está estruturando postos de saúde e incentivando prefeitos a aderirem ao PSF para melhorar o atendimento.

ANEXO 2A

TEXTOS JORNALÍSTICOS EXTRAÍDOS DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, UTILIZADOS PARA ILUSTRAR A ANÁLISE REALIZADA

O Estado de S. Paulo

30 de setembro de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,tratar-diabete-durante-a-gravidez-e-benefico-diz-estudo,443653,0.htm>

Tratar diabetes durante a gravidez é benéfico, diz estudo

A chamada diabetes gestacional começa durante a gravidez e geralmente desaparece após o parto

AP

Tratar a diabetes que surge durante a gravidez, mesmo que a manifestação seja leve, ajuda a mãe e o bebê a evitar um ganho excessivo de peso e facilita o parto, mostra uma nova pesquisa.

Em um estudo de 950 mulheres, as que apresentaram diabetes moderada e foram tratadas tiveram menos bebês com excesso de peso, menos cesarianas e menos complicações do que as que não tiveram a diabetes tratada.

"Temos todas as razões para tratar até mesmo as mulheres com a mais fraca" das diabetes, disse o líder do estudo, o médico Mark Landon, da Universidade Estadual de Ohio.

A chamada diabetes gestacional começa durante a gravidez e geralmente desaparece após o parto. Pode afetar até uma em cada sete gestantes, dependendo da população. O excesso de açúcar no sangue da mãe pode fazer com que o feto cresça demais, às vezes exigindo cesarianas, e também trazer outros problemas de saúde para o bebê e a mãe.

O Estado de S. Paulo

24 de setembro de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-a-acao-da-vacina-para-reduzir-risco-de-infeccao-por-hiv,440272,0.htm>

Entenda a ação da vacina para reduzir risco de infecção por HIV

Saiba qual é o impacto da descoberta da primeira vacina eficaz contra o vírus da Aids, anunciadas por cientistas

BBC BRASIL

Pela primeira vez, uma vacina experimental contra o HIV diminuiu o risco de infecção, afirmam cientistas. O teste com 16 mil voluntários - realizado pelo Exército americano em cooperação com o governo da Tailândia - demonstrou uma redução de 31,2% no risco de contrair o vírus.

Para os pesquisadores, os resultados renovam as esperanças de que é possível desenvolver uma vacina eficaz contra o vírus HIV.

O que é diferente sobre esta vacina?

Por mais de 20 anos, o campo de pesquisa de vacinas contra o HIV vem sendo marcado por decepções. Em 2007, a Merck suspendeu testes de uma vacina que era vista como uma das mais promissoras até então, depois de concluir que não havia diferença nos níveis de infecção entre os vacinados e os que haviam recebido placebo.

O último teste combinou duas vacinas que não haviam obtido resultados em testes separados no passado. Ao todo, 8 mil voluntários entre 18 e 30 anos de idade receberam uma primeira dose da vacina, seguida por um reforço, e 8 mil voluntários receberam um placebo.

Depois de três anos, a taxa de infecção de HIV foi um terço mais baixa entre os vacinados. Do grupo, 51 pessoas foram infectadas pelo vírus, em comparação com 74 pessoas que tomaram placebo.

O que o resultado mostra?

Os números de pessoas infectadas no teste são muito baixos e sempre há a possibilidade de que a diferença entre os grupos seja mero acaso. Mas Adriano Boasso, especialista em vacinas contra o HIV do *Imperial College London*, na Grã-Bretanha, afirma que os números são significativos, estatisticamente falando.

"Eles devem ter feito testes para verificar que a diferença dificilmente ocorreu por acaso e eu não tenho qualquer problema em acreditar nesses números." Os cientistas aguardam ansiosamente a publicação do relatório completo sobre o teste para que possam avaliar o quanto significativas são as conclusões.

Mas porque esta é a primeira vez que uma vacina contra o HIV se mostrou eficaz - pelo menos parcialmente - a visão geral entre os especialistas é de que os resultados são um importante passo.

As cepas do HIV usadas na vacina são do tipo B e E - a cepa B é predominante na Europa e América do Norte. Com isso, os resultados não são imediatamente significativos para a África, onde a cepa predominante é a do tipo C.

O que pensam os especialistas?

Estima-se que cerca de 33 milhões de pessoas sejam portadoras do vírus HIV no mundo, e uma vacina teria enorme impacto, principalmente em regiões onde a infecção é endêmica, como na África sub-saariana.

Mas o HIV parece ser extremamente eficiente em "enganar" o sistema imunológico, daí o fracasso em se produzir uma vacina que proteja contra o vírus.

Este último estudo renova o otimismo dos pesquisadores de vacinas, depois de anos de decepções. Os cientistas estão cautelosamente esperançosos de que talvez seja possível, a partir dos resultados positivos, ter uma chance de eventual sucesso.

Segundo Boasso, o resultado é "uma lufada de ar fresco". "Ele sugere que há chances de se desenvolver uma vacina contra o HIV e que não devemos desistir só porque houve alguns fracassos." "O desenvolvimento de vacinas é um longo processo, e este é um passo a mais." Lisa Power, chefe de política da Terence Higgins Trust, a maior ONG que cuida de Aids e saúde sexual na Grã-Bretanha, disse que os resultados dão aos especialistas uma boa idéia de onde concentrar as pesquisas no futuro.

E Seth Berkley, presidente e chefe executivo da Iniciativa Internacional de Vacina contra a Aids, acrescentou: "Até agora, só tínhamos provas da viabilidade de uma vacina contra o HIV em modelos animais".

"Agora, temos uma candidata a vacina que parece mostrar um efeito de proteção em humanos, mesmo que parcialmente."

E agora?

Ainda há muito trabalho a ser feito antes que uma vacina se torne disponível. É muito pouco provável que uma vacina seja licenciada com uma taxa de sucesso de apenas 30% - pesquisadores têm como meta uma taxa de sucesso de 70% a 80%.

Eles terão que trabalhar em cima dos resultados e modificar a vacina para obter uma resposta melhor. "Agora, os pesquisadores provavelmente vão examinar que tipo de resposta imunológica eles induziram para tentar descobrir que tipo de efeito eles precisam induzir nos voluntários para alcançar certo grau de proteção", explicou Boasso.

"Isso também poderia nos ensinar muito sobre outras vacinas." "Também é possível que sejam realizados outros estudos em voluntários de alto risco, onde as taxas de infecção seriam mais altas, apesar de que estes tipos de estudos são mais difíceis de se realizar e os resultados podem ser difíceis de se interpretar."

O Estado de S. Paulo

31 de agosto de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,medicos-belgas-inventam-berco-que-evita-regurgitacao-em-bebes,427228,0.htm>

Médicos belgas inventam berço que evita regurgitação em bebês

Berço pode ser alugado por dia; criança fica em ângulo de 40 ou 50 graus e colchão parece um degrau.

BBC BRASIL

O departamento de pediatria do Hospital Universitário de Bruxelas, na Bélgica, desenvolveu um berço capaz de evitar a regurgitação, um problema estomacal que afeta um entre cada cinco bebês e pode causar irritação no esôfago.

A técnica, descrita na última edição da revista especializada *Archives of Disease in Childhood*, do *British Medical Journal*, consiste em fazer com que a criança durma de barriga para cima e inclinada em um ângulo de 40 ou 50 graus.

"A regurgitação acontece quando o estômago do bebê está cheio, então um pouco dos líquidos estomacais sobem ao esôfago. A inclinação proporcionada pelo berço antirregurgitação é ideal para evitar que isso aconteça, sem maior desconforto para o recém nascido", explica o doutor Yvan Vandenplas, um dos idealizadores do berço.

Os benefícios foram observados em um estudo realizado com 25 bebês de entre três semanas e três meses que não respondiam aos tratamentos convencionais com medicamentos ou alimentação especial.

Depois de uma semana utilizando o novo berço, 75% deles reduziu o índice de refluxo - porcentagem de tempo em que se observa ácido no esôfago da criança, calculado pela medição do pH nesse órgão - para 10,1% em média em relação aos 18,6% iniciais.

"Levando em conta o período de desespero entre os pais quando seus bebês não param de chorar, o berço oferece uma solução muito mais rápida que os tratamentos convencionais: as melhoras começam a ser observadas já no primeiro dia de uso", diz Vandenplas.

Ele diz, entretanto, que o estudo ainda está em fase "preliminar" e o berço ainda precisa ser avaliado em um grupo maior de bebês.

Conforto

Para evitar que o bebê escorregue na cama, o colchão é mais espesso na parte inferior, formando um degrau de apoio para os pés.

A criança é posicionada dentro de uma espécie de cadeirinha de tecido acoplada à capa que reveste o colchão e envolvida por um saco de dormir, o que impede qualquer movimento. Apesar da posição pouco convencional que o berço exige, os pais das crianças observadas pelo estudo avaliaram com nota oito, de uma escala de dez, o nível de conforto proporcionado pelo berço, afirma Serge Vleeschouwer, representante da companhia belga Multicare, responsável pela fabricação.

Na Bélgica o invento pode ser alugado em algumas farmácias por diárias de 1,75 euros por dia (cerca de R\$ 4,60).

O Estado de S. Paulo

19 de agosto de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cientistas-acham-gene-que-faz-macacos-consumirem-mais-alcool,421155,0.htm>

Cientistas acham gene que faz macacos consumirem mais álcool

Descoberta nos EUA poderia levar a tratamento contra alcoolismo em humanos, dizem pesquisadores

BBC BRASIL

Um estudo realizado nos Estados Unidos mostrou que uma variante genética presente em alguns macacos faz com que eles consumam mais álcool durante experiências científicas. Os autores da pesquisa, do Instituto Nacional de Saúde americano em Bethesda, no Estado de Maryland, acreditam que a descoberta possa levar a novos tratamentos contra o alcoolismo em humanos.

O gene, conhecido como fator de liberação de corticotropina (CRF, na sigla em inglês), tem um papel fundamental no sistema que regula a maneira como o ser humano responde ao estresse diário.

Às vezes ele se torna superativo e pode levar a problemas relacionados ao estresse, como ansiedade e depressão.

No estudo, publicado na revista especializada *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS), os cientistas descobriram que alguns macacos que apresentavam a variante genética bebiam mais, possivelmente para aliviar sua ansiedade.

'Como o homem'

A chamada forma "T" do gene foi particularmente associada com um maior consumo voluntário de álcool, em bebidas com teor alcoólico equivalente ao de uma cerveja forte. Segundo Christina Barr, uma das autoras do estudo, os macacos bebiam "muito mais do que o limite".

"Alguns chegavam a consumir até quatro ou cinco bebidas em uma hora", afirmou.

Ela contou que, sob o efeito do álcool, os animais se comportavam de maneira parecida com o homem: "Alguns dormiam, outros ficavam mais simpáticos e outros se tornavam mais agressivos".

Os cientistas acreditam que uma variante genética semelhante ao CDF exista nos seres humanos, mas ela pode ser rara.

No passado, outros genes foram identificados como associados ao alcoolismo, o que pode levar a tratamentos que diminuem a atividade deles e o risco que trazem para o desenvolvimento da doença.

O Estado de S. Paulo

1º de julho de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,vacina-bcg-pode-matar-bebes-soropositivos-diz-estudo,396271,0.htm>

Vacina BCG pode matar bebês soropositivos, diz estudo

A descoberta é importante porque a vacina contra a tuberculose é administrada de maneira quase universal

EFE

Bebês portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da aids, correm o risco de contrair uma variante fatal da tuberculose se receberem a vacina contra tuberculose BCG, preparada a partir do bacilo Calmette-Guérin.

A conclusão é de um artigo publicado na revista internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS), que mostra como, nesses casos específicos, a BCG pode provocar um efeito totalmente oposto ao pretendido.

Segundo a OMS, a BCG é administrada a 75% dos recém-nascidos no mundo, mas o estudo realizado na África do Sul revelou que a substância imunizadora "pode ser mais perigosa que benéfica para os bebês contaminados pelo HIV".

A descoberta é importante porque a vacina contra a tuberculose é administrada de maneira quase universal na África Subsaariana, onde a taxa de contaminação de bebês pelo HIV é uma das maiores do mundo.

Segundo os dados do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids, entre 390 mil e 420 mil menores de 15 anos contraem o HIV a cada ano.

Por essa razão, os cientistas responsáveis pelo estudo recomendaram o adiamento da vacinação até que saiba o estado sorológico dos bebês.

"É urgente avaliar o risco a respeito das vantagens da vacina nos lugares com uma alta taxa de infecção pelo HIV e a tuberculose", escreveu no artigo o professor Simon Schaaf, do Centro Antituberculose Desmond Tutu, pertencente à Universidade Stellenbosch (África do Sul).

Por outro lado, o estudo destaca que "a BCG é eficaz para prevenir a disseminação da tuberculose em crianças não infectadas pelo HIV".

O Estado de S. Paulo

03 de setembro de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vida,estudo-descobre-possivel-rota-para-vacina-contr-a-aids,429158,0.htm>

Estudo descobre possível rota para vacina contra a AIDS

Cientistas encontram dois anticorpos que atacam o HIV; estimulá-los pode levar a vacina eficaz

REUTERS

A descoberta de partículas do sistema imunológico humano que atacam o vírus da aids poderá, finalmente, abrir o caminho para a produção de uma vacina capaz de proteger as pessoas da infecção, que continua a ser incurável, dizem pesquisadores dos Estados Unidos. Os cientistas usaram uma nova tecnologia para vasculhar o sangue de 1.800 pessoas infectadas com o HIV e identificaram dois anticorpos que são capazes de neutralizar a doença.

E descobriram uma nova parte do vírus, atacada por esses anticorpos, o que oferece uma nova estratégia para a criação da vacina, informam na revista *Science*.

"Então agora teremos uma chance melhor de criar uma vacina que estimulará esses anticorpos neutralizantes, que acreditamos serem a chave para o desenvolvimento de uma vacina de sucesso", disse o principal autor do estudo, Dennis Burton, do Instituto de Pesquisa Scripps.

"As descobertas em si são um avanço estimulante rumo à meta de uma vacina efetiva contra a aids, porque agora temos um alvo novo e potencialmente melhor no HIV para focar nossos esforços", acrescentou Wayne Koff, representante da Iniciativa Internacional da Vacina contra Aids, que patrocinou o estudo.

Desde que a pandemia de aids teve início, no começo dos anos 80, mais de 25 milhões de pessoas, em todo o mundo, já morreram vítimas do vírus. A Organização Mundial da Saúde estima que há 33 milhões de infectados na atualidade. Não existe cura, embora um coquetel de drogas possa ajudar a manter o vírus sob controle.

O Estado de S. Paulo

1º de julho de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,vegetarianos-tem-menor-risco-de-sofrer-de-cancer-diz-estudo,396112,0.htm>

Vegetarianos têm menor risco de sofrer de câncer, diz estudo

Nos casos de câncer no sangue, como leucemia, o risco da doença é 45% menor em quem não come carne

REUTERS

Os riscos de os vegetarianos desenvolverem câncer é 12% menor em relação ao dos consumidores de carne, e a diferença se torna mais marcante nos casos de câncer no sangue, disseram pesquisadores britânicos nesta quarta-feira, 1º.

Pesquisas anteriores já haviam mostrado ligação entre o consumo de grande quantidade de carne vermelha ou processada com uma taxa mais elevada de câncer no estômago. O novo estudo, envolvendo mais de 60.000 pessoas, realmente confirmou haver menor risco de câncer de estômago e de bexiga entre os vegetarianos.

Mas a mais notável e surpreendente diferença foi nos casos de câncer no sangue - tais como leucemia ou múltiplo mieloma e linfoma não-Hodgkin - em que o risco da doença é 45% menor em vegetarianos do que entre os consumidores de carne.

"É necessário realizar mais pesquisas para confirmar estes resultados e encontrar as causas para as diferenças", disse Tim Key, autor do estudo do Centro de Pesquisa da unidade de epidemiologia da Universidade de Oxford, na Grã-Bretanha.

Key e colegas, que publicaram seus achados no *British Journal of Cancer*, acompanharam 61.000 consumidores de carne e vegetarianos por mais de 12 anos, período em que 3.350 participantes receberam o diagnóstico de câncer.

O estudo investigava 20 diferentes tipos de câncer. Foi constatado que as diferenças de risco independem de outros fatores, tais como fumo, consumo de álcool e obesidade, os quais podem aumentar os riscos de uma pessoa desenvolver câncer.

(Reportagem de Ben Hirschler)

O Estado de S. Paulo

1º de julho de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,vinho-pode-minimizar-efeito-de-radioterapia-diz-estudo,396183,0.htm>

Vinho pode minimizar efeito de radioterapia, diz estudo

O estudo afirma que polifenóis encontrados no vinho podem ajudar a proteger tecidos saudáveis da radiação

REUTERS

Um copo de vinho por dia pode ajudar pacientes com câncer de mama a tolerar melhor a radioterapia e reduzir os efeitos colaterais adversos, segundo um novo estudo realizado por uma universidade de medicina da Itália e divulgado nesta quarta-feira.

O estudo afirma que polifenóis encontrados no vinho podem ajudar a proteger tecidos saudáveis dos efeitos da radiação ao mesmo tempo que combatem células cancerígenas. A pesquisa foi realizada com 348 mulheres em tratamento de câncer de mama entre 2003 e 2007 na unidade de radioterapia e tratamento paliativo da Universidade Católica de Campobasso, no sul da Itália.

O estudo mostrou que o consumo diário moderado de vinho estava associado com uma redução de 75 por cento de lesões na pele das mulheres em comparação com a daquelas que não consumiam a bebida.

"Nossos dados têm de ser avaliados com precaução, já que se tratou de um estudo de observação", disse Alessio Morganti, diretor da unidade de radioterapia.

"Uma experiência formal aleatória deve ser realizada agora. Estabelecer o papel do vinho e de seus componentes não-alcoólicos é certamente uma questão crucial que pode abrir um novo caminho para o uso preventivo de antioxidantes", disse.

O estudo na íntegra será publicado no site do *International Journal of Radiation Oncology Biology Physics* (www.redjournal.org).

O Estado de S. Paulo

04 de setembro de 2009

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,coxa-grande-pode-indicar-risco-menor-de-doencas-cardiacas,429467,0.htm>

Coxa grande pode indicar risco menor de doenças cardíacas

Pesquisa diz que coxas estreitas podem indicar falta de massa muscular para processar insulina no organismo

BBC BRASIL

Homens e mulheres cujas coxas têm circunferência superior a 60 cm têm menor risco de desenvolver doenças cardíacas, aponta um estudo do Hospital da Universidade de Copenhague, na Dinamarca, com 3.000 pessoas.

O benefício ocorre mesmo quando fatores como gordura corporal, cigarros e colesterol do sangue são levados em consideração, afirmam os cientistas, cuja pesquisa foi publicada na revista especializada *British Medical Journal*.

Para os pesquisadores, aqueles com coxas estreitas podem não ter massa muscular suficiente para processar a insulina de maneira apropriada, aumentando o risco de diabetes e, por consequência, de doenças cardíacas.

Os especialistas, no entanto, ressaltaram que a pesquisa precisa ser corroborada por outros estudos.

Eles dizem que ainda é cedo para mudar as orientações sobre dietas e exercícios para evitar doenças cardíacas, mas que a circunferência da coxa pode ser usada como um sinal de risco.

O estudo acompanhou 3.000 homens e mulheres na Dinamarca por mais de dez anos. Os voluntários tiveram a altura, o peso e a circunferência das coxas, cintura e quadris medidos. A porcentagem de gordura corporal também foi calculada.

A circunferência da coxa foi medida logo abaixo dos glúteos. Os pesquisadores ainda avaliaram os níveis de atividade física dos participantes, se eles eram fumantes, sua pressão sanguínea e os níveis de colesterol.

O estudo então monitorou a incidência de doenças cardíacas nos pacientes por mais de dez anos e a taxa de mortes por um período de 12 anos e meio.

Medida

Durante este período, 257 homens e 155 mulheres morreram, 263 homens e 143 mulheres desenvolveram doenças cardiovasculares e 103 homens e 34 mulheres sofreram de doenças cardíacas.

Segundo os pesquisadores, aqueles com as coxas menores - de circunferência inferior a 50 cm - tinham o dobro de risco de morte prematura ou de desenvolver sérios problemas de saúde.

"O aumento do risco se deu independentemente da obesidade geral e abdominal e de fatores de risco cardiovasculares ou ligados ao estilo de vida, como pressão sanguínea", disse Berit Heitmann, que chefiou a pesquisa.

"Além disso, concluímos que o risco estava mais relacionado à circunferência das coxas do que à da cintura", completou.

"É uma medida muito simples, muito grosseira, mas parece ter um efeito individual. E pode ser uma forma de médicos avaliarem riscos."

"O bom é que se você tiver coxas finas você pode fazer algo, como se exercitar."

Estudos anteriores já indicaram que uma cintura com circunferência superior a 88,9 cm para as mulheres e a 101,6 cm para os homens indica alto risco de desenvolver diabetes e doenças cardíacas.

A equipe do Hospital da Universidade de Copenhague afirma que o risco demonstrado por coxas "estreitas" pode ser associado à baixa massa muscular.

Os cientistas afirmam que esta baixa massa muscular pode fazer com que o corpo não responda bem à insulina, aumentando o risco de diabetes tipo 2 e, a longo prazo, de desenvolvimento de doenças cardíacas.

Baixos índices de gordura também podem provocar mudanças adversas no modo como o corpo processa os alimentos.

'Boa notícia'

Mas para a enfermeira sênior especializada em doenças cardíacas Judy O'Sullivan, da *British Heart Foundation*, "ainda não há provas suficientes para confirmar que a baixa circunferência da coxa afete o risco de alguém desenvolver doenças cardiovasculares".

"Mas a baixa massa muscular está associada ao baixo nível de atividades físicas, considerado um fator de risco já estabelecido para o desenvolvimento de doenças cardíacas", disse ela.

Tam Fry, do Fórum Nacional de Obesidade da Grã-Bretanha, concorda que são necessários mais estudos. "Este é um trabalho muito interessante e que vai ligeiramente contra nossa intuição, mas tem que ser respeitado por causa do número de pacientes avaliados e da duração da pesquisa.